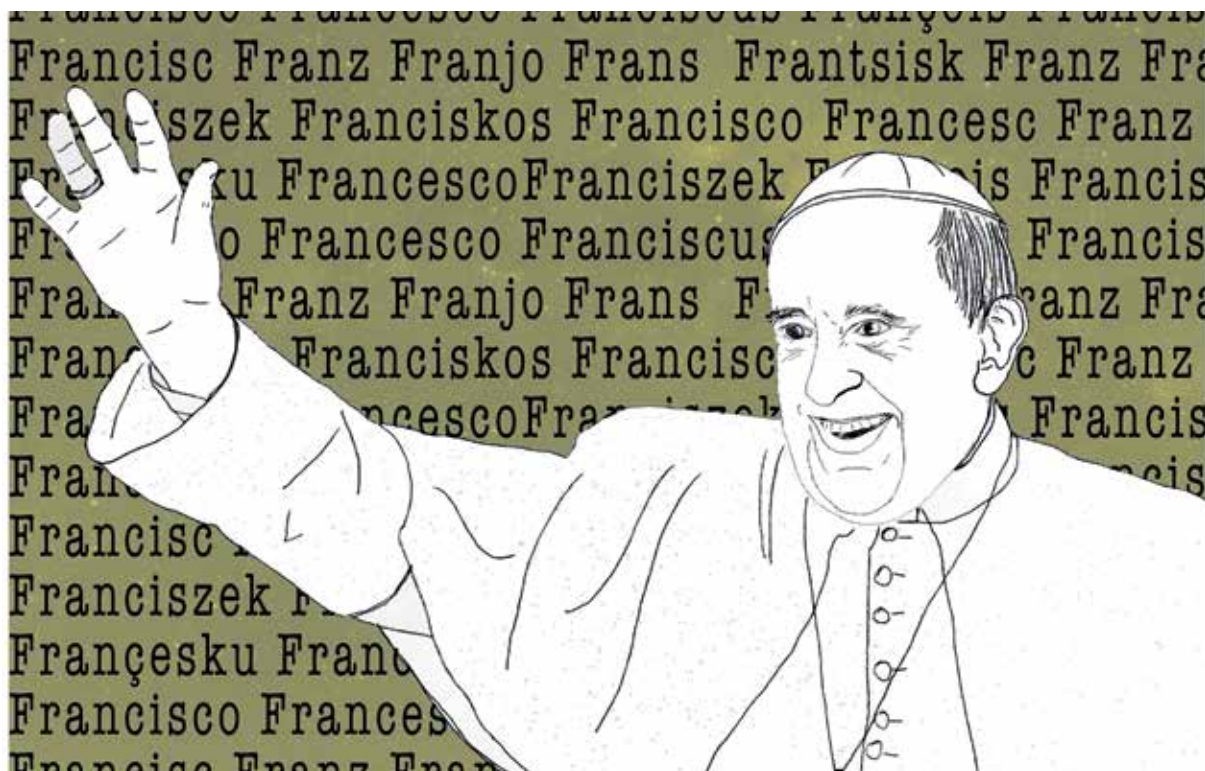




PAULUS

vida pastoral

julho-agosto de 2017 – ano 58 – número 316



Papa Francisco:

por uma Igreja aberta, acolhedora e inclusiva

3 Jorge Mario Bergoglio/
papa Francisco: um
testemunho

Luís González-Quevedo

11 Apontamentos sobre
o pontificado do papa
Francisco

Edelcio Ottaviani

21 Os grandes temas do
pontificado do papa
Francisco

João Décio Passos

31 O papa Francisco
e a juventude

Dom Vilson Basso

39 Roteiros homiléticos

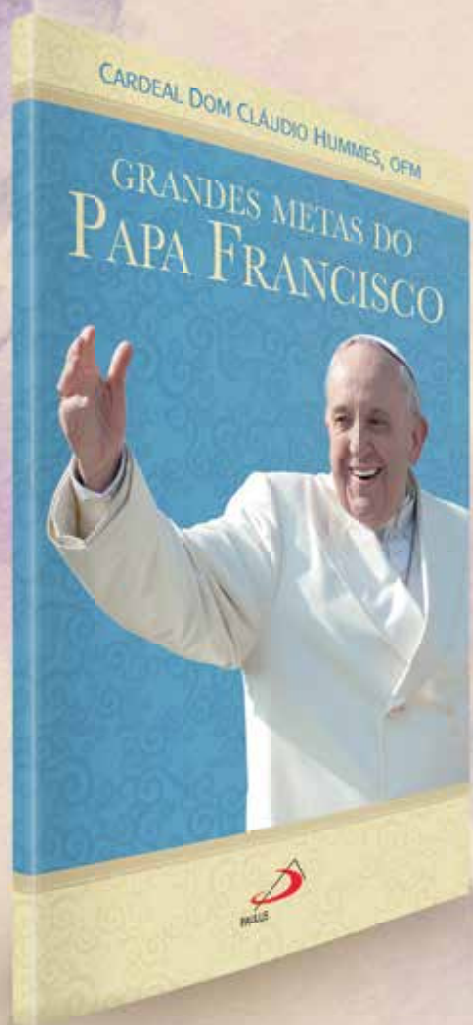
Álta L. Pinheiro de Andrade

ISSN 0507-7184



9 770507 718005 04

UMA OBRA PARA OUVIR A VOZ DO PASTOR

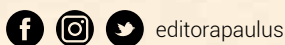


96 páginas

Grandes metas do Papa Francisco *Cardeal Dom Cláudio Hummes, OFM*

Neste lançamento exclusivo da PAULUS, Dom Cláudio Hummes reúne as principais metas do pontificado do Papa Francisco. O livro nasceu do desejo do cardeal de homenagear o Santo Padre pelo aniversário de 80 anos e celebrar seu extraordinário pontificado, que vem mudando os rumos da Igreja.

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br



PAULUS

JOVEM, o Papa Francisco
tem um sonho pra você.

Mudar o mundo com a
força do **EVANGELHO**.



DOCAT Como agir?

Com prefácio do Papa Francisco

O *DOCAT* é a tradução popular da Doutrina Social da Igreja feita especialmente para você, jovem. Lançado na Jornada Mundial da Juventude, em Cracóvia, o *DOCAT* é um presente e um apelo do Papa Francisco a todos os que são capazes de aliar o entusiasmo da juventude à inabalável fé em Cristo. Faça parte do sonho do Papa. Porque um cristão que não seja revolucionário neste tempo, não é cristão de verdade.

“Eu tenho um sonho: que um milhão de jovens, uma geração inteira seja, para os seus contemporâneos, uma Doutrina Social em movimento.” (Papa Francisco)

youcat.paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br



Paulo Apóstolo

Jesus Mestre

Rainha dos Apóstolos

Jovem,

venha ser **Padre ou Irmão Paulino**

e anuncie o Evangelho na cultura da comunicação.



PADRES E IRMÃOS PAULINOS

Caixa Postal 700

CEP: 01031-970 – São Paulo/SP

Tel.: (11) 3789-4009

☎ (11) 94815-2933

centrovocacional@paulinos.org.br

paulinos.org.br



**PADRES E IRMÃOS
PAULINOS**

Prezadas irmãs e prezados irmãos, graça e paz!

Naquele 13 de março de 2013, quando uma multidão estava de olhos voltados para a chaminé da Capela Sistina e a fumaça branca surgiu, o coração da gente se acelerou, com aquela ansiedade que toda surpresa acarreta. A simbologia do rito tem a força de marcar a memória. O anúncio “habemus papam”, “temos um papa”, feito pelo cardeal protodiácono agita a praça de São Pedro, tomada por uma multidão de olhos brilhantes e por *flashes* de celulares que mais pareciam velas iluminando a praça. No mundo todo, os televisores ligados e os católicos à espera de seu novo líder.

Aparece um senhor de 76 anos, com passos suaves, face serena, olhar iluminado, alfaias leves e o mesmo crucifixo que sempre usara. É o argentino Jorge Mario Bergoglio, que doravante se chamará Francisco, bispo de Roma, o 266º sucessor de Pedro.

Desde a sua primeira aparição como papa, Francisco nos surpreende. A começar pela escolha do nome. Francisco é uma mudança de mentalidade. O nome em si carrega a marca do amor total. Aquele mesmo amor de Jesus que se derrama por todos. O amor que envolveu o jovem Francisco de Assis. Perdidamente enamorado por Deus e por toda a criação, ele deixa-se dominar por uma loucura sã, num tempo em que a humanidade e a própria Igreja estavam em ruínas. Ama as coisas simples da vida, desfaz-se das pompas e das honrarias tão atraentes e tentadoras à condição humana, por vezes fruto de injustiça e do derramamento de sangue dos inocentes. Francisco é alguém que mira o céu com os pés no chão, tendo-os por vezes feridos e enlameados.

Mira o céu não com discursos divagantes nem com rompantes de uma razão orgulhosa. Mira o céu sem a tentação de fugir do mundo. Mira o céu com a alegria do evangelho (*Evan-*

geli Gaudium), alegria que mal nenhum tem o poder de entristecê-la. Mira o céu louvando a Deus (*Laudato Si'*) pelas pequenas coisas da criação: as formigas e seus caminhos estreitos e trabalhosos; os pássaros e seus cantos e voos. Tudo é fraternidade: irmã água, irmã terra, irmão sol, irmão fogo. Até a morte é irmã. Não a morte matada, mas aquela que nos faz todos iguais. Um dia teremos de partir desta travessia e encontrar o Criador face a face. Mira o céu compadecendo-se dos que carregam o fardo e a dor do pecado (*Misericordiae Vultus*). Mira o céu tocando e sarando as feridas dos sofredores. As feridas da carne e da alma. As feridas que tanto humilham e desumanizam as famílias. É preciso um cuidado atento pela família. A alegria tem seu lugar fundamental ali (*Amoris Laetitia*).

O papa quis o nome de Francisco. E vem seguindo com fidelidade o caminho de Jesus. Há relatos de que, logo após ser eleito bispo de Roma, teria ouvido de seu amigo o cardeal Cláudio Hummes a frase: “Não se esqueça dos pobres”. A mesma recomendação que outrora a Igreja fizera ao apóstolo Paulo: “Apenas nos recomendaram que nos lembrássemos dos pobres, o que, aliás, eu mesmo propusera fazer com todo cuidado” (Gl 2,10). Francisco tem insistido numa Igreja pobre para os pobres, sempre em saída, de portas abertas e marcada pela misericórdia.

Este número de *Vida Pastoral* é uma colaboração para conhecer uma síntese do pensamento de Francisco ou as linhas mestras de seu empenho evangelizador nestes tempos marcados por crises, sobretudo a crise humanitária. Estejamos em comunhão com o papa e ouçamos o que nos diz. E como sempre pede, rezemos por ele. Boa leitura e feliz missão!

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Diretor Pe. Claudiano Avelino dos Santos
Editor Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito
MTB 11096/MG
Conselho editorial Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito,
Pe. Claudiano Avelino dos Santos,
Pe. Darci Marin e Pe. Paulo Bazaglia
Ilustrações Elinaldo Meira
Editores Fernando Tangi

Revisão Caio Ernane Pereira e Alexandre Soares Santana
Assinaturas assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Redação © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br
paulus.com.br / paulinos.org.br
vidapastoral.com.br

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista *Vida Pastoral* é distribuída gratuitamente pela Paulus. A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:
E-mail: assinaturas@paulus.com.br
Tel.: (11) 3789-4000
Fax: (11) 3789-4011

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para: Revista *Vida Pastoral* – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:
Banco do Brasil: agência 0646-7, conta 5555-7
Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP
Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE
Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA
Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG
Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF
SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP
Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS
Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS
Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT
Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR
Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC
Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE
Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO
Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB
Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG
Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM
Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN
Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS
Rua Dr. José Montaury, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE
Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP
Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ
Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA
Rua Direita da Piedade, 75
Barris (71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP
Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP
Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA
Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES
Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP
Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

VITÓRIA – ES
Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



Jorge Mario Bergoglio/papa Francisco: um testemunho

Pe. Luís González-Quevedo*

O artigo expõe a trajetória do jesuíta Jorge Bergoglio até ser eleito papa, resume as linhas mestras do seu pontificado e conclui questionando a continuidade do modelo de Igreja de Francisco.

A trajetória de Jorge Mario Bergoglio/papa Francisco

Conheci Jorge Bergoglio em julho de 1970. Ele tinha sido ordenado sacerdote no ano anterior; eu ainda não era padre. Eu tinha viajado a Buenos Aires para participar da ordenação diaconal de dois colegas. Hospedei-me no Colégio Máximo São José, em San Miguel, município vizinho à capital. Bergoglio estava lá, terminando sua graduação em teologia. Uma noite, tivemos uma boa conversa.

Bergoglio era um padre jovem, aberto e acolhedor. Ele me cativou por sua lucidez e sua sinceridade. Lá pelas tantas, ele me disse: “porque eu tenho um problema: minha família é muito tradicional”.¹ Naquela época, logo após o Concílio Vaticano II, ser “tradicional” ou “conservador” parecia um estigma.

¹ Eu já não me lembro se a palavra que usou foi “tradicional” ou “conservadora”, mas o sentido da frase era que Bergoglio sentia certo constrangimento por sua origem europeia, no contexto latino-americano daquela época, em que estava sendo gerada a Teologia da Libertação.

*Pe. Luís González-Quevedo, jesuíta, pregador de retiros e orientador espiritual, foi redator da revista *Itaici*. E-mail: luisquevedosj@gmail.com



Depois, Bergoglio passou um ano na Espanha e fez amizade com a minha família. Entre 1970 e 1992, mantivemos correspondência epistolar. Os encontros presenciais foram poucos, mas muito positivos. Bergoglio era um desses padres que ganham facilmente a confiança das pessoas. Lembro-me de que, numa ocasião, pedi que me escutasse em confissão.

No entanto, a vida de Bergoglio na Companhia de Jesus não foi fácil. Durante a formação, ofereceu-se para ser enviado à missão no Japão, mas não foi aceito, por motivo de saúde. Recém-formado, foi nomeado mestre de noviços e, logo mais, superior provincial da Companhia de Jesus na Argentina, cargo que desempenhou de 1973 a 1979, num contexto político muito difícil. Num dos nossos encontros, confidenciou-me que alguns jovens jesuítas trabalhavam na clandestinidade contra a ditadura militar argentina. Dois padres inseridos num bairro popular foram sequestrados pelos militares. Bergoglio foi acusado de ter abandonado os dois companheiros. Ele não se defendeu publicamente de tais acusações, que teriam impedido sua eleição pontifícia se tivessem algum fundamento. Como arcebispo de Buenos Aires, nunca foi bem-visto pelos sucessivos governos argentinos, que o consideravam um opositor.

Hoje, Francisco reconhece as limitações de sua gestão como superior:

Estávamos num tempo difícil para a Companhia: tinha desaparecido uma inteira geração de jesuítas. Por isso, vi-me nomeado provincial ainda muito jovem. Tinha 36 anos: uma loucura. Era preciso enfrentar situações difíceis. [...] O meu modo autoritário e rápido de tomar decisões levou-me a ter sérios problemas e a ser acusado de ultraconservador (SPADARO, 2013, p. 15).

Terminado o mandato de provincial, Bergoglio assumiu o reitorado do Colégio Máximo e das Faculdades de Filosofia e Teologia de San Miguel. Assumiu também a paróquia do Patriarca São José, na Diocese de San Miguel. E ainda começou a preparar uma tese doutoral sobre Romano Guardini. Em 1986, estive na

Alemanha para recolher o material que faltava sobre este. Não chegou a terminar a tese.

Retornando à Argentina, Bergoglio não assumiu mais cargos de governo na Companhia; ficou residindo na igreja de El Salvador, no centro de Buenos Aires, colaborando com o Boletim de Espiritualidade da província argentina e ensinando teo-

logia pastoral em San Miguel. Sua influência entre os jesuítas continuava sendo grande, mas era acusado de dividir a província. Segundo o testemunho de um provincial da Argentina que, significativamente, não era argentino, mas colombiano, uns seguiam a linha de Bergoglio e “outros eram mais novos, uma geração diferente” (GONZÁLEZ-QUEVEDO, 2015, p. 50).

Em 1990, Jorge Mario Bergoglio foi destinado à cidade de Córdoba, como diretor espiritual e confessor no templo. Ele mesmo conta que viveu “um tempo de grande crise interior” (SPADARO, 2013, p. 15). Em dez anos, porém, Bergoglio passaria do “exílio” de Córdoba para a figura mais destacada da Igreja na Argentina e na América Latina. No final do Sínodo dos Bispos de 2002, o vaticanista Sandro Magister escreveu: “Se houvesse um conclave neste momento, o cardeal Bergoglio seria eleito papa”. Como explicar a rápida carreira episcopal do atual bispo de Roma?

Aconteceu que o arcebispo de Buenos Aires, cardeal Antonio Quarracino, passou por Córdoba, conheceu Bergoglio e ficou admirado com a capacidade desse jesuíta “sereno e preciso”. Sem pretendê-lo, o cardeal tinha

“O meu modo autoritário e rápido de tomar decisões levou-me a ter sérios problemas e a ser acusado de ultraconservador”



encontrado o homem ideal para sucedê-lo no arcebispado da capital portenha.

Os jesuítas têm por norma não aceitar o episcopado, salvo por obediência ao papa, característica essencial da Companhia de Jesus. Bergoglio já tinha sido indicado para o episcopado em outras ocasiões, mas sempre recusara. Dessa vez, contudo, o nuncio na Argentina limitou-se a informá-lo de que João Paulo II o tinha nomeado bispo auxiliar de Buenos Aires. Como bispo auxiliar, Bergoglio ganhou a simpatia do clero da capital portenha. E o cardeal Quarracino conseguiu fazê-lo arcebispo coadjutor, com direito à sucessão. Não foi fácil, porque o senhor nuncio e o governo argentino tinham outros candidatos; mas Quarracino viajou a Roma e falou pessoalmente com João Paulo II.

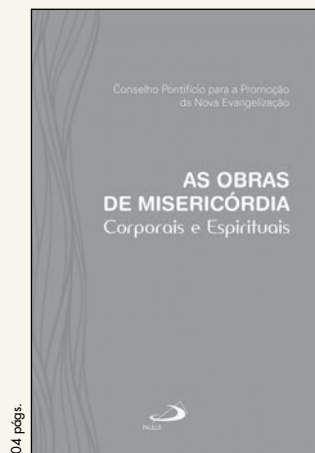
Bergoglio não foi nunca um prelado “carreirista” – pecado que ele detesta. Em 2002, sendo já cardeal, recusou o cargo de presidente da Conferência Episcopal Argentina. No conclave de 2005, no terceiro escrutínio, Bergoglio teve quarenta votos, insuficientes para ser eleito papa, mas suficientes para impedir a eleição do cardeal Ratzinger, que era o favorito. O cardeal argentino saiu da disputa, suplicando que não votassem mais nele. Com isso, no quarto escrutínio, Ratzinger foi eleito com 84 votos. Que eu saiba, o papa Francisco não fez qualquer confidência a respeito das votações nos conclaves, que são sigilosas. Mas, em nossos dias, fora do sigilo da confissão sacramental, todas as informações acabam vindo à tona. Assim, os vaticanistas sabem quem era o candidato do cardeal Bergoglio no último conclave: o cardeal O’Malley de Boston (POLITI, 2014, p. 53). Essa informação me parece “verossímil”.

Linhas mestras do pontificado do papa Francisco

Em outubro de 2016, a Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAP-

As obras de misericórdia Corporais e espirituais

*Conselho Pontifício para a Promoção da
Nova Evangelização*



104 págs.

As obras de misericórdia corporais e espirituais inserem-se dentro do processo de solidariedade humana e lhe conferem uma característica essencial. Jesus identificou-se com quem tem fome, sede, não tem roupa e é peregrino, está doente ou na prisão, com quem tem dúvidas ou está aflito e necessita de ajuda e de consolação para não cair na angústia. Ao mesmo tempo, pediu que se ofereçam gestos concretos de bondade, paciência e proximidade a quem se encontrar em necessidade.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





COM) convidou-me para participar do 3º Simpósio de Teologia e Pastoral, com uma palestra sobre “O pontificado do papa Francisco: trajetória e perspectivas”. Tratava-se de apresentar, junto com outro palestrante, as linhas mestras do pensamento do atual pontífice.

Quando Bergoglio foi eleito bispo de Roma, escrevi-lhe uma carta de solidariedade. A carta demorou três meses para chegar às mãos dele, mas no dia seguinte ele me telefonou e me ditou o *e-mail* do seu secretário, Fabián Pedacchio (GONZÁLEZ-QUEVEDO, 2015, p. 53-54). Aproveitando esse contato privilegiado, no ano passado, escrevi ao papa Francisco, perguntando-lhe que temas do seu pontificado gostaria que não fossem esquecidos. Ele me respondeu, indicando-me os temas da misericórdia e da alegria. Então, imitando o jeito dele de esquematizar suas homilias, sintetizei as ideias mestras do seu pontificado em três palavras: dignidade, misericórdia e alegria.

a) Dignidade

No pensamento do atual papa, a dignidade de todo ser humano é prioritária, com destaque para as pessoas mais vulneráveis: os pobres, os doentes, as crianças, os velhos, os refugiados... Francisco prioriza a dignidade humana não só com palavras, mas com gestos concretos, como foi a visita à ilha de Lampedusa, principal porta de entrada na Europa dos refugiados afro-asiáticos.

Francisco insiste que é preciso demolir os muros que dividem países e pessoas e construir pontes que permitam diminuir as desigualdades. Denunciando a “cultura da indiferença” e a “cultura do descarte”, o papa prega a “cultura do encontro” e a “cultura da misericórdia”.

Os exemplos são intermináveis: abraçou, em plena praça de São Pedro, um doente

com o rosto deformado por uma doença rara; recebeu em audiência privada o transexual espanhol Diego Neria Lejarraga e sua namorada; saiu do Vaticano para visitar sete padres que abandonaram o sacerdócio e constituíram família etc.

Na Carta Apostólica *Misericordia et Misera*, de 20 de novembro de 2016, Francisco insiste no dever de resgatar a dignidade inviolável da vida humana e denuncia “a cultura do individualismo exacerbado”, que “leva a perder o sentido de solidariedade e responsabilidade para com os outros” (n. 18).

No final desse mesmo documento, que encerrou o Ano da Misericórdia, o papa instituiu um Dia Mundial dos Pobres, a celebrar-se no 33º Domingo do Tempo Comum (n. 21).

O pensamento humanitário do atual pontífice tem lhe dado um prestígio e uma estima que ultrapassam as fronteiras da Igreja católica. Um judeu, especialista em liderança empresarial, apresenta esse papa como modelo de liderança aberta, acolhedora e inclusiva: “Homem modesto, porém brilhante”, Francisco é “o homem certo para a tarefa certa, na hora certa” (KRAMES, 2015).

b) Misericórdia

Os gestos de solidariedade humana de Francisco são expressão de sua fé em Jesus Cristo, que é o rosto da misericórdia do Pai. “Deus não se cansa de perdoar”, insiste Bergoglio, “nós é que nos cansamos de pedir-lhe perdão”. Certamente, o nosso Criador e Senhor ama tudo o que existe, “porque se odiasse alguma coisa, não a teria criado” (Sb 11,24). Ele não exclui ninguém do seu amor, como tem sublinhado o papa Francisco.

No livro *O nome de Deus é misericórdia*, nascido de uma entrevista com o papa, Andrea Tornielli destaca “a centralidade da mensagem da misericórdia” nos primeiros anos do pontificado de Francisco. As pala-

“Homem modesto,
porém brilhante.
Francisco é o homem
certo para a tarefa
certa, na hora certa”



bras do papa Bergoglio, simples e profundas, apresentam “o rosto de uma Igreja que não joga na cara das pessoas as suas fragilidades e feridas, mas as cura com o remédio da misericórdia” (TORNIELLI, 2016, p. 18). Para o autor, o Jubileu Extraordinário da Misericórdia, que se estendeu de 8 de dezembro de 2015 a 20 de novembro de 2016, foi consequência da importância que a misericórdia sempre teve na pregação do antigo arcebispo de Buenos Aires.

A insistência na misericórdia nasce da centralidade que, na vida e na pregação do papa, tem a pessoa de Jesus. Num encontro internacional de teologia organizado pela Universidade Javeriana, de Bogotá, a teóloga brasileira Maria Clara Lucchetti Bingemer afirmou justamente que a teologia do papa Francisco é uma teologia cristocêntrica. A teóloga atribui esse cristocentrismo à influência dos exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola, berço da espiritualidade do papa. Na vida histórica de Jesus de Nazaré, longamente contemplada nos exercícios, “a misericórdia de Deus não é uma ideia abstrata, mas uma realidade concreta” (FRANCISCO, 2015, n. 6).

c) Alegria

A alegria bergogliana está em continuidade com a prioridade da dignidade humana e a centralidade da misericórdia de Deus. A Igreja que o papa Francisco deseja é uma Igreja de rosto alegre, evangelizadora e misericordiosa, “pobre e para os pobres”, uma Igreja aberta aos problemas reais da humanidade, em diálogo com o mundo atual, com as outras Igrejas cristãs e com as outras religiões. Aos que o acusam de revolucionário e até de “comunista”, Francisco responde que é apenas um continuador do Concílio Vaticano II e dos papas anteriores, cujos documentos cita frequentemente.

Acusado de “baratear” a doutrina católica e “protestantizar” a Igreja, ele respondeu que tais acusações não lhe tiravam o sono: “Eu continuo no caminho de quem me pre-

Pastoral do Dízimo

Formação para agentes e equipes paroquiais

Cristovam Lubel



A Igreja do Brasil optou pelo dízimo como meio para sustentar e investir na ação evangelizadora. Com a contribuição dos batizados, a evangelização integral é assumida pelas comunidades de fé, que crescem inclusive na consciência e na prática missionária. Este livro reflete sobre o dízimo como contribuição generosa para a evangelização, e propõe celebrações que reavivam e aprofundam o que foi refletido. O objetivo da obra é que as nossas comunidades se tornem, de fato, dizimistas-evangelizadoras.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





cedeu, eu sigo o Concílio” (FALASCA, 2016). A Igreja do Concílio Vaticano II reconheceu-se “santa e sempre necessitada de purificação” (LG 8).

Pelas informações que temos das semanas transcorridas entre a renúncia de Bento XVI e a eleição de Francisco, podemos afirmar que o cardeal Bergoglio foi eleito por conta não só do seu testemunho pessoal de homem de fé, mas também da esperança de profunda renovação do governo geral da Igreja católica, na situação de emergência em que se encontrava no ano de 2013. O cardeal cubano Jaime Ortega testemunhou publicamente o enorme impacto que teve no colégio cardinalício a breve fala de Bergoglio, no dia 7 de março daquele ano, durante as congregações gerais prévias ao conclave.

Nessa ocasião, falando espontaneamente, o arcebispo de Buenos Aires apresentou um modelo de Igreja evangelizadora que sai de si mesma e vai para as periferias – não só geográficas, mas existenciais. O cardeal argentino traçou também o perfil do papa de que a Igreja precisava naquele momento: “um papa dinâmico, que tenha um rosto alegre e seja a cara de uma Igreja mãe fecunda da doce e consoladora alegria de evangelizar”. Nessa fala, Bergoglio descreveu o seu modelo de Igreja e, sem pretendê-lo, fez seu próprio autorretrato. Dois dias depois, um grupo de cardeais desejosos de mudança no governo da Igreja lançou a candidatura do cardeal argentino (POLITI, 2014, p. 58-59).

Os principais documentos promulgados pelo papa Bergoglio são expressão deste modelo de Igreja de rosto alegre, evangelizadora e misericordiosa, aberta às necessidades reais dos homens e mulheres dos nossos dias. O próprio Francisco, respondendo à minha pergunta pelos temas prioritários do seu pontificado, escreveu-me: “A respeito da *Laudato Si*,

Evangelii Gaudium e *Amoris Laetitia*, as três, já no título, assinalam o louvor e o gozo. Para mim, [isso] é fundamental” (carta privada do dia 15 de agosto de 2016).

Francisco vê a Igreja “como um hospital de campanha depois de uma batalha” (SPADARO, 2013, p. 19), chamada a cuidar das feridas das pessoas, aliviá-las com o óleo da consolação e enfaixá-las com a misericórdia (cf. *Misericordiae Vultus*, n.15).

A Igreja do papa Francisco está próxima dos pobres, testemunhando a misericórdia de Deus, que “suscita alegria, porque o coração se abre à esperança de uma vida nova” (ib. n. 3).

“o papa Francisco não quer ser um papa pop. Ele se considera um pecador que experimentou a misericórdia de Deus”

Conclusão: questionamento e esperança

Jorge Mario Bergoglio não é um *superman*. É um homem extraordinariamente normal. A despeito de sua enorme popularidade, o papa Francisco não quer ser um papa *pop*. Ele se considera um pecador que experimentou a misericórdia de Deus. Francisco não é um homem das massas, como era, por exemplo, João Paulo II. Bergoglio foi sempre um homem de contato pessoal. Uma semana antes de sua eleição, o cardeal arcebispo de Buenos Aires passeava anônimo pelas ruas de Roma, sem qualquer sinal de sua dignidade cardinalícia (GONZÁLEZ-QUEVEDO, 2015, p. 28). Ele confiava que a sua idade, segundo as previsões dos vaticanistas, o excluiria da lista dos *papabili*.

Bergoglio se identifica como um “homem de Igreja”, sim, mas de uma Igreja que quer seguir com fidelidade o caminho de Jesus, que deve ser o caminho da própria Igreja que, em nosso tempo, se concretiza no caminho do Concílio Vaticano II. O papa Francisco é um homem de Igreja que aborrece o clericalismo, denuncia a “autorreferência” de muitos eclesialísticos, critica os religiosos e as religiosas que



vivem como ricos e defende a “tolerância zero” em matéria de abusos sexuais do clero.

Já foi observado que o primeiro papa latino-americano, que presidiu a Comissão de Redação do Documento Final da Conferência de Aparecida, quer estender a toda a Igreja o que os bispos latino-americanos aprovaram para nosso continente: a urgência de uma conversão pastoral que coloque a Igreja em estado permanente de missão. “A conversão pastoral de nossas comunidades”, lemos naquele documento, “exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (CELAM, 2007, n. 370). Este programa coincide plenamente com o “modelo de Igreja” do papa Francisco.

Após a conclusão da 5ª Conferência do CELAM, o teólogo José Comblin elogiou “o projeto de Aparecida” (COMBLIN, 2008), mas questionou: quem vai realizar essa conversão pastoral da Igreja? O clero atual? Seria necessário “mudar a formação sacerdotal de modo radical”, dizia o teólogo, conhecido por suas posições críticas. Os religiosos teriam de voltar à sua vocação original e “deixar de ser administradores de paróquias e de obras”. Para o teólogo belga, com longa experiência em diversos países da América Latina, os missionários capazes de mudar a fisionomia da Igreja seriam os leigos (cf. MUGGLER, 2012).

Com a surpreendente eleição de Bergoglio como bispo de Roma, a Igreja católica iniciou um novo período de sua história. José Comblin, falecido em 2011, teria ficado feliz com a eleição do papa Francisco. Os primeiros anos do seu pontificado têm dado à Igreja um novo rosto, mais leve e esperançado. A imagem pública da Igreja e do papado mudou. Até os teólogos mais críticos elogiam Francisco (DOODY, 2016).

Todavia, dada a idade avançada do papa, podemos nos perguntar: o modelo de Igreja de Francisco terá continuidade? Quem levará à prática o “projeto de Francisco”? Se fizéssemos a

Ideias fundamentais

Movimento de Cursilhos de Cristandade



Este livro, terceira edição de Ideias fundamentais do Movimento de Cursilhos de Cristandade, pretende ser instrumento da unidade na diversidade, pois contém o essencial, aquilo que permite reconhecer, em todo o mundo, o rosto deste maravilhoso instrumento de Evangelização. A edição é uma tradução adaptada aos nossos usos e costumes, em uma linguagem familiar e acessível a todos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





pergunta ao próprio Bergoglio, creio que ele responderia: “O povo santo de Deus”, o clero com cheiro de ovelha, os religiosos e as religiosas fiéis à sua vocação profética, as monjas contemplativas, a quem o papa dedicou a Constituição Apostólica *Vultum Dei Quaerere*, os movimentos apostólicos e as novas comunidades, os jovens, os pobres... Em uma palavra, todas as pessoas de boa vontade, que não perderam a esperança de que outro mundo e outra Igreja são possíveis.

No final de uma palestra sobre o pontificado de Francisco, alguém me perguntou:

“Esse papa deixará consolidada a reforma da Igreja ou seu pontificado será uma breve ‘primavera’, seguida de um retorno ao que o teólogo Karl Rahner chamou de ‘inverno eclesial?’”. Faço questão de repetir minha resposta: creio que o pontificado de Francisco é historicamente irreversível, como é irreversível o Concílio Vaticano II.

Sim, eu espero que o Espírito Santo, que acompanhou a Igreja de Cristo ao longo dos séculos, não há de abandoná-la neste tempo em que temos a graça de viver. ●

Bibliografia

- BINGEMER, M. C. L. Mística, praxis y misericordia: el impacto de la teología del papa Francisco sobre las teologías de hoy. In: CONGRESO INTERNACIONAL DETEOLOGÍA, 2016, Bogotá. *Interpelaciones del papa Francisco a la teología hoy*. Disponível em <www.congresoteologia2016.com>. Acesso em: 10 mar. 2017.
- MUGGLER, M. M. *Padre José Comblin: uma vida guiada pelo Espírito*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2012.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM) Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília/São Paulo: CNBB/Paulus/Paulinas, 2007.
- DOODY, C. Leonardo Boff: “El Papa ha iniciado una verdadera revolución”. *Religion Digital*, Madrid, 24 nov. 2016.
- FALASCA, S. “Eu não barateio a doutrina. Eu sigo o Concílio.” Entrevista com o papa Francisco. *IHU On-line*, São Leopoldo, 21 nov. 2016. Original italiano, *Avvenire*, 17 nov. 2016.
- FRANCISCO, Papa. *Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia: Misericordiae Vultus*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.
- _____. *Carta Apostólica Misericordia et Misera no termo do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- _____. *O nome de Deus é Misericórdia: uma conversa com Andrea Tornielli*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.
- GONZÁLEZ-QUEVEDO, L. *O novo rosto da Igreja: papa Francisco*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2015.
- KRAMES, J. A. *Lidere com humildade: 12 lições do papa Francisco*. São Paulo: Planeta, 2015.
- POLITI, M. *Francisco entre os lobos: o segredo de uma revolução*. Lisboa: Texto & Graphia, 2014.
- SPADARO, A. *Entrevista exclusiva do papa Francisco ao Pe. Antonio Spadaro, sj*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.
- TORNIELLI, Andrea. *O nome de Deus é misericórdia*. São Paulo: Planeta, 2016.



Apontamentos sobre o pontificado do papa Francisco

Edelcio Ottaviani*

Este artigo discorre brevemente sobre os signos, os gestos e a linguagem de Francisco e pontua eixos transversais ou linhas mestras do seu pensamento.

* Edelcio Ottaviani é presbítero, doutor em Filosofia pela Universidade Católica de Louvain (UCL) e mestre em Teologia pela PUC-SP. É professor do Departamento de Teologia Fundamental da PUC-SP e reitor do Centro Universitário Assunção, UNIFAI. Atua pastoralmente na paróquia São João Batista do Brás (Arquidiocese de São Paulo). E-mail: edelcioottaviani@hotmail.com

Introdução

Este artigo – uma adaptação de minha fala no III Simpósio Paulus de Teologia e Pastoral, realizado em 20 de outubro de 2016, no auditório da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, FAPCOM – procura apresentar sucintamente as linhas mestras do pensamento do papa Francisco. O ponto de partida são pequenos elementos, não menos significativos: signos, gestos e linguagem; em seguida apontam-se eixos transversais ou linhas mestras.

Valho-me de artigos, documentos e, principalmente, das valiosas análises e sínteses realizadas pelos eminentes conferencistas do Congresso Internacional de Teologia, promovido pela Pontifícia Universidad Javeriana (PUJ), de Bogotá. Ocorrido entre os dias 18 e 21 de setembro de 2016, o congresso teve a honra de ser o primeiro, em âmbito internacional, a estudar as “interpelações do papa Francisco para a teologia de hoje”. Os apontamentos ali apresentados – de Austen Ivereigh (1966), da Universidade de Oxford; de Antonio Spadaro (1966), jesuíta, diretor da *Civiltà*



Cattolica e professor da Universidade Gregoriana de Roma; de Alberto Parra Mora (1944), professor da PUJ e assessor do CELAM; de Maria Clara Bingemer (1949), professora da PUC-Rio e conhecida de todos nós por sua eloquência e rica produção teológica; e dos expositores e comunicadores dos continentes americano e europeu – são extremamente valiosos, e minhas palavras certamente os reverberarão.

Práxis de vida, documentos (conciliares, pontifícios e magisteriais de referência), fundamentação teológica, perfil eclesiológico e posicionamento sociopolítico, eis as linhas mestras que pretendo apresentar e brevemente comentar.

“Meu coração batia como deviam bater os corações das dezenas de milhares acampados diante da janela na qual em breve surgiria o novo papa”

1. Signos, gestos e linguagem

O que sei desse descendente de imigrantes italianos radicados na Argentina é o que foi estampado na imprensa, desde o momento em que, naquela tarde de 13 de março de 2013, quarta-feira, a fumaça branca pairou sobre os telhados da praça de São Pedro, e o que pude colher nos livros e revistas especializados. Nesse dia, esprememo-nos diante da TV situada no laboratório de línguas da PUC-SP, para o qual acorremos ao ouvir alguém, no corredor contíguo à sala onde estávamos, gritar: *Habemus papam!*

Na verdade, era uma antecipação do que diria logo a seguir o cardeal protodiácono Jean-Louis Tauran (1943) ao anunciar com alegria o nome que o cardeal Bergoglio se atribuiu: Francisco. Os guarda-chuvas que protegiam pessoas de todas as partes do mundo de repente subiam e desciam num movimento que me lembrou a alegria do frevo irrompendo nas noites de carnaval em Olinda e Recife. Em Roma, os relógios marcavam doze minutos passados das oito, era outono, e não verão, mas a alegria era a mesma: *Evangelii Gau-*

dium (EG), as primeiras linhas dessa encíclica começaram a ser desenhadas ali. A emissora focava o balcão de onde surgiria para o mundo aquela figura meio *nono* (avô) e meio papa (pai). Por um momento, pareceu-me ver João XXIII (1881-1963), o papa bom. Professores, alunos e funcionários, ao meu lado, tentavam

esquecer que ele era argentino e se alegravam por ser próximo de nós, de nossa realidade. Notei logo a presença de D. Cláudio Hummes (1934), cardeal e arcebispo emérito de São Paulo, ao seu lado. O mesmo cardeal que, no momento em que os aplausos irromperam na Capela Sistina, após sua eleição, sussurrou-lhe ao ouvido: “Não se esqueça dos pobres”! Deles, certamente, ele não se esqueceria, pois havia

muito faziam parte de sua vida. Meu coração batia como deviam bater os corações das dezenas de milhares acampados diante da janela na qual em breve surgiria o novo papa. Ali ele diria, espontânea e jocosamente, que “os seus colegas cardeais foram buscar um papa quase bem perto do fim do mundo”.

1.1. O nome Francisco

Muito se falou sobre o inusitado nome que o prelado argentino tomou para si: Francisco. Fala-se que Paulo VI (1897-1978) teria dito que dificilmente esse nome seria atribuído a um papa por causa da incongruência dos protocolos pontifícios e da riqueza cultural e arquitetônica que orbitam um sumo pontífice. Quebrando todos os paradigmas, Bergoglio assumiu essa contradição para operar por dentro a renovação da Igreja e, particularmente, da Cúria Romana. Tratava-se de reintroduzir, por meio da figura emblemática do *poverello*, a reconstrução da Igreja, tão abalada pelos escândalos de pedofilia e corrupção, como no passado ela fora estremecida pela simonia e pela fome de riquezas e poder temporal.

O movimento *kenótico*, que permitiu ao Filho de Deus assumir nossa condição humana para restaurá-la, deveria ser reintroduzido na Igreja, e nada melhor do que o espírito livre e despojado de Francisco de Assis (1182-1226) para inspirar a todos nessa tarefa. Como bom jesuíta, Francisco de Roma sabe que é Jesus, com seu modo de ser, aquele que deve ocupar o centro da Igreja e do mundo, não o papa. Jesus, a palavra feita carne, é o verdadeiro reformador das estruturas violentas e injustas que nos permeiam e das quais somos convocados a nos libertar. “Foi para a liberdade que Cristo nos libertou”, lembra-nos o apóstolo Paulo na carta aos Gálatas (5,1).

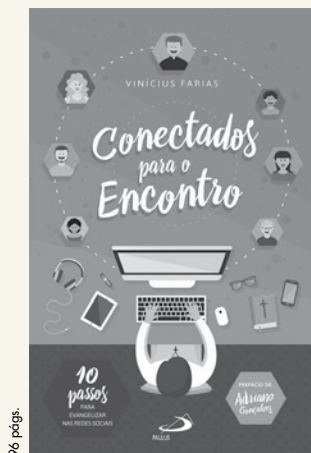
No máximo, o que um papa imbuído do espírito franciscano pode fazer é reformar a Cúria Romana, para que ela cumpra o seu papel de facilitadora, e não de complicadora, da mensagem salvífica de Cristo. O nome atribuído a si assinalava todo um programa necessário para que a Igreja, neste século saído da infância rumo à adolescência, pudesse lutar heroica e *parresiasicamente* contra um século vencido pela mundialização da injustiça social (cf. EG 259).

1.2. Os gestos de Francisco

Os primeiros gestos do papa Francisco anunciavam esse propósito. De fora do vídeo, mas inteiramente tragados para dentro daquele balcão salpicado de *flashes* e alvo das câmeras de televisão, acompanhávamos fascinados aquele homem de branco, tendo ao pescoço a mesma cruz peitoral que havia trazido de Buenos Aires e que o acompanhara durante todo o conclave. Eram paramentos simples de um papa que se quer simples. Ao tomar como referência o fundador da Ordem dos Franciscanos, deu indícios de que se deixara interpelar pela longa tradição dos profetas da caridade, que se preocuparam com a justiça social e se fizeram próximos dos fracos, dos excluídos e dos reprovados, e que, paralelamente, levavam uma vida despojada

Conectados para o encontro 10 passos para evangelizar nas redes sociais

Vinicius Farias



O livro surgiu a partir de uma nova compreensão do autor, seminarista de Brasília, diante das redes sociais, que ele passou a considerar como “novos areópagos” da evangelização. É um subsídio para quem deseja ser um evangelizador das mídias sociais. O autor aponta, entre outros, que tipos de gafes podem ser evitadas e como um post no Facebook deve brotar de uma espiritualidade exercitada e verdadeira.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



ou até mesmo ascética. Não contive as lágrimas ao ver aquele papa bom se reclinar perante o povo na praça.

1.3. As palavras de Francisco

As palavras singelas de acolhimento, ao se dirigir em primeiro lugar à comunidade de Roma, à qual se apresentava como bispo, demonstraram seu quê de *primo inter pares*, o primeiro entre iguais, por questão de reverência à unidade, e não por apelo à uniformidade. Ele pediu a todos que rezassem um pai-nosso, por intercessão de Nossa Senhora, na intenção de seu antecessor, estabelecendo elo com Bento XVI, como deve fazer um verdadeiro *pontifex*, ou seja, um construtor de pontes que levam ao encontro de algo ou de alguém. Convidou o povo a caminhar em comunhão com seu bispo, e o bispo em comunhão com seu povo, numa relação de fraternidade, amor e confiança mútuos, estabelecendo um caminho de mão dupla, em meio ao qual as diversas instâncias eclesiais são chamadas a se ajudar, e não a dominar e oprimir.

De Roma, convidou todos a estender ao mundo esse mesmo espírito de fraternidade, traduzido num sentimento de nos sabermos parte de uma casa comum e de uma grande pátria, como ele viria a repetir insistentemente na encíclica *Laudato Si'* (LS 164). Quebrando todos os protocolos, antes de abençoar o povo, pediu que este rezasse por ele e o abençoasse. Inclinou-se e permaneceu em silêncio por alguns segundos, fazendo que esse mesmo silêncio abraçasse a todos, como abraçam os peregrinos que vêm à basílica os pilares que circundam a praça de São Pedro.

O papa levantou-se e, atento ao protocolo, concedeu a indulgência plenária não só aos presentes, mas a todos, homens e mulheres de boa vontade, que acompanhavam o evento pelos meios de comunicação. *Misericordiae Vultus* (MV), o rosto da misericórdia divina,

deixou-se antever nos gestos simples e significativos daquele que, em breve, seria reconhecido pelo povo como “o papa dos pobres”.

Depois de retirar a estola, saudou simpaticamente o povo com um leve sorriso, mostrando que, de certa forma, Nietzsche tinha razão: os cristãos atrairiam mais discípulos e

missionários para Jesus e o evangelho se fossem à fila de comunhão não de cara amarrada, mas irradiando alegria. Após o hino, quebrando mais uma vez o protocolo, pediu que recolocassem o microfone e falou novamente, agradecendo a todos que ali estavam por acolhê-lo com tanto carinho e reiterando seu pedido de que não se esquecessem de rezar por ele. Espontaneamente, como fariade depois disso em muitas de suas entrevistas, disse que no dia seguinte rezaria a Nossa Senhora, para que também velasse por todo o povo, e desejou a todos uma boa noite e um bom repouso, como um pai zeloso se dirige aos filhos antes de dormir.

“Não contive as lágrimas ao ver aquele papa bom se reclinar perante o povo na praça”

reiterando seu pedido de que não se esquecessem de rezar por ele. Espontaneamente, como fariade depois disso em muitas de suas entrevistas, disse que no dia seguinte rezaria a Nossa Senhora, para que também velasse por todo o povo, e desejou a todos uma boa noite e um bom repouso, como um pai zeloso se dirige aos filhos antes de dormir.

2. Práxis de vida

Maria Clara Bingemer nos lembra que Bergoglio, antes de ter sido arcebispo de Buenos Aires e papa, foi jesuíta, e, como bom jesuíta, ele não tem outro propósito além de colocar Jesus no centro. Consequentemente, esse é seu modo de ver, sentir e pensar. Segundo ela, sete são os elementos intrinsecamente ligados a Francisco e a sua espiritualidade inaciana.

a) A centralidade da pessoa de Jesus.

Os exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola (1491-1556) visam ao fortalecimento da alma. Assim como treinamos o corpo para a prática de determinada atividade ou esporte, com a finalidade de atingirmos um fim, treinamos o espírito para nos aproximarmos das bem-aventuranças. Como dizem os padres gregos, é uma forma de “equipagem” de

nosso ser (*paraskeuê*) para lutar contra tudo o que nos separa dos valores passados e vividos por Jesus Cristo, fonte de vida e de beatitude.

Os exercícios espirituais nos convidam, numa primeira semana, a contemplar nossas fraquezas e nossos pecados. Da segunda semana até a quarta, a contemplar a vida de Cristo, nosso Senhor, até o domingo de Ramos (2ª semana), passando pela contemplação de sua Paixão e morte (3ª semana) até a Ressurreição e a Ascensão (4ª semana). Ao contemplar a vida de Jesus, passamos a colocá-lo como referência maior em nossa vida e a fazer com que o que nele há passe, pouco a pouco, a ser integrado em nossa forma de ser, como instrumento de libertação de nossos pecados.

Portanto, Jesus é o centro a partir do qual podemos olhar para tudo o que nos circunda, a fim de *discernir* o que condiz ou não com os valores e ensinamentos desse centro. Tal discernimento deve ser capaz de propor uma forma de vida, para nós e para aqueles que acolhem os atos e as palavras de Jesus como fonte da vida, de alternativa à sociedade do consumo, do descarte e da degradação do meio ambiente em que vivemos (cf. LS 8-13). Assim, “ver, julgar e agir” encontram seu aperfeiçoamento no “contemplar, discernir e propor”, ou, no caso das situações em que a fragilidade humana impede a concretização ideal dos princípios evangélicos, “acompanhar, discernir e integrar, de forma gradual”, adotando o caminho da misericórdia e da integração, como foi a prática da Igreja desde o Concílio de Jerusalém (*Amoris Laetitia*, n.296).

b) O testemunho. Ele é, pois, a força de atração à perfeição evangélica. Nesse sentido, a teologia de Francisco, no dizer de Maria Clara Bingemer, é feita mais de testemunhos do que de textos.

c) Os pobres, por serem eles os *loci* (locais) da esperança evangélica: “bem-aventurados os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,3).

Fomos a um Concílio A surpresa do Vaticano II

José Marins



No dia 25 de janeiro de 1959, o papa João XXIII surpreendeu a Igreja e o mundo ao anunciar a convocação de um Concílio Ecumênico. O Concílio, que não se esperava, chamou-se Vaticano II e acabou sendo um “divisor de águas”, o mais famoso Concílio da história do Cristianismo. Este livro é um convite a percorrer as sessões conciliares e os documentos que emanaram delas, com comparações esquemáticas da Igreja pré e pós-Vaticano II.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





d) A cultura do encontro. Compartilhar com compaixão as esperanças e os sofrimentos dos pobres, como contemplamos os sofrimentos e as esperanças de Cristo, conduz-nos à superação e à libertação de nossos pecados em âmbito individual e social.

e) Antropologia encarnada. Ver e contemplar as relações entre as pessoas e coisas; entre pessoas e pessoas; e, sobretudo, entre os seres humanos e tudo o que os cerca, para perceber que o nosso futuro e o futuro das próximas gerações passam por nós.

f) Os santos. Eles nos ajudam a nos aproximarmos de Jesus, uma vez que já fizeram esse caminho de aproximação e podem nos auxiliar, com suas experiências, a nos avizinhamos do mestre de Nazaré.

g) Metodologia espiritual. Tal aproximação é fruto de um processo constante de conversão.

3. Construir pontes

O conferencista Austen Ivereigh, além das raízes jesuítas salientadas tanto por Maria Clara Bingemer quanto por Antonio Spadaro, aponta para raízes histórico-culturais de Francisco: a visão nacionalista-continental, que deseja quebrar o muro que separa Cuba dos EUA; a noção de pátria grande, expressa em seu discurso por ocasião do Bicentenário da República Argentina, em 8 de julho de 2016, exaltando o processo de libertação e independência das colônias latino-americanas iniciado por José de San Martín (1778-1850) e Simón Bolívar (1783-1830); a Doutrina Social da Igreja, que o levou na juventude a avizinhar-se do peronismo; e a teologia do povo, no respeito à cultura e ao protagonismo das camadas populares. Entre os expositores (painéis), Gilles Routier (1953),

da Universidade de Laval, Canadá, ao tratar da linguagem performática de Francisco, dirá que: “il fait le Vatican II, il n’en parle pas!” (ele aplica o Vaticano II, não faz comentários sobre ele).

Certas frases de Francisco a respeito dos mais variados assuntos desconcertam. Elas

“Quando Francisco fala intempestivamente uma frase de efeito, ele está indicando que é preciso ter uma atitude diferente daquela que comumente se tem”

parecem, no entanto, ser ditas para estremecer nossas “certezas”, certas ideias cristalizadas que não admitem revisão, como o lugar das mulheres e dos homossexuais na Igreja; parecem indicar um novo pensamento, quem sabe uma nova postura diante de determinados fatos ou pessoas. John Austin, teórico da linguagem, lembra-nos que uma sentença performativa (*performative sentence*) ou um enunciado performativo (*performative utterance*) deriva sem dúvida ne-

nhuma de “executar” (*perform*), verbo habitualmente relacionado, em inglês, ao nome “ação”, o qual, por sua vez, “indica que a finalidade do enunciado é a execução de uma ação” (AUSTIN, 1962, p. 6). Quando Francisco fala intempestivamente uma frase de efeito, ele está indicando que é preciso ter uma atitude diferente daquela que comumente se tem.

4. Documentos (conciliares, pontifícios e magisteriais de referência)

Ao tratar das “Experiências eclesiais a partir do Concílio Vaticano II”, que marcaram o ministério episcopal de Bergoglio, o professor e assessor do CELAM Alberto Parra Mora salienta o papel da memória e da profecia nos escritos, pronunciamentos e atitudes de Francisco. Alberto Parra vê no papa a introspecção e a encarnação de certas noções conciliares, como *Igreja povo de Deus* e *aggiornamento* (diálogo aberto e franco entre a Igreja

ja e o mundo no qual ela está inserida), ainda presentes na memória do povo e contidas nas constituições *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*; aponta para a transformação, operada durante o Concílio, da noção de uma Igreja piramidal para uma Igreja circular e o movimento *pericorético*, que perfaz a relação entre as pessoas da Santíssima Trindade, como paradigma do modelo circular. Gilles Routier, por sua vez, faz-nos notar a incidência de outra noção empregada por João XXIII no discurso de abertura do Concílio e diluída, explícita e implicitamente, em vários dos documentos conciliares: “sinais dos tempos”, aplicada 31 vezes na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*. Em *Laudato Si'*, ao refletir sobre o cuidado que todos devemos ter com a mãe Terra, nossa casa comum, Bergoglio se serve das argumentações de seus antecessores: Paulo VI, na *Pacem in Terris* (1971); João Paulo II (1920-2005), em *Redemptor Hominis* (1979) e *Centesimus Annus* (1991); Bento XVI (1927), no *Discurso ao Corpo Diplomático acreditado junto à Santa Sé* (2007) e na Carta Apostólica *Caritas in Veritate* (2009). Lança mão também de documentos elaborados pelas Conferências Episcopais do Brasil, EUA, França, Filipinas e Congo, entre outros. No que se refere à *Gaudium et Spes*, saltam aos olhos as múltiplas citações do Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, ocorrida em Aparecida, em maio de 2007, do qual Bergoglio foi o presidente da Comissão de Redação.

5. Fundamentação teológica

Sinivaldo Tavares, ofm, da FAJE de Belo Horizonte, ao apresentar um painel sobre a *Laudato Si'*, do ponto de vista do método e sua relação com o conteúdo teológico, aponta para o fato de que Francisco trabalha o cuidado com a casa comum sob um paradigma epistemológico novo, ou seja: reco-

Como estrelas no céu Desafios da Pastoral da Educação

Marcos Sandrini



Este livro quer ser uma convocação a todos os católicos, presentes nos mais diversos tipos de escolas, para que se unam em prol da educação de bons cristãos e honestos cidadãos de que nossa pátria necessita. Temos três realidades contraditórias: fé cristã, justiça social e desigualdade. Nossa educação precisa lutar não apenas pela igualdade. Queremos mais, e com equanimidade – isto é, uma escola que defenda a igualdade, mas que também garanta a diversidade

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





nhecer, compreender, curar. Não se trata, portanto, de conhecer para dominar, mas conhecer para salvar (curar). Como vimos, a postura do papa Francisco é, em primeiro lugar, de contemplação (ver). Ter uma atitude contemplativa. O papa tem conhecimento da índole do mistério a que todos são chamados a contemplar. Nesse modo de ser, há um tom de esperança provocativa que se articula a textos extremamente críticos com belas poesias. Há páginas de reverência à totalidade misteriosa. O papa tem consciência da complexidade que atravessa nossa realidade. Somos vítimas da fragmentação. O pensamento não dá conta do todo do mistério. Em vez de conjunção e de disjunção somente, o papa aposta numa direção de compreensão (*cum-plexus*). O método de disjunção e conjunção (vantagens e desvantagens) se aplica, por exemplo, na análise da tecnociência. Esta tem tanto o poder de enriquecer o ser humano quanto de empobrecê-lo, quando impõe sua maneira de ver o mundo, sob o crivo do calcular e do classificar (*taxinomia*), e desconsidera outras formas de saber e outros valores diferentes que não entram na lógica do ter, explorar, consumir e descartar. Francisco nos interpela a tomar os problemas não mais sob uma ótica simplista e expõe a necessidade de uma nova metodologia que nos faça, como se diz em francês, *connaître/co-naître* (conhecer/nascer junto). Ele nos propõe um conceito de pensar como curar, uma vez que *penser*, também em francês, pode tanto significar pensar quanto ter cuidados por alguém, ao se aproximar do *panser* (*mettre une panser*/colocar um curativo). Pensar juntos para curar o outro, com vistas ao cuidado com a nossa casa comum. O papa articula essas dimensões importan-

“Francisco nos interpela a tomar os problemas não mais sob uma ótica simplista e expõe a necessidade de uma nova metodologia que nos faça conhecer/nascer junto”

tes em torno do olhar de Jesus, que tanto pensa quanto cura. Para tanto, basta contemplar a passagem que antecede a ressurreição de Lázaro, na qual Jesus diz: “Nosso amigo Lázaro dorme, mas eu vou despertá-lo” (Jo 11,11).

Na *Laudato Si'*, há uma distinção entre o clamor da terra e o clamor do pobre. Embora distintos, eles fazem parte de uma única e complexa crise social e ambiental (capítulos V e VI). É preciso, portanto, aplicar o método de disjunção e conjunção para depois integrar. Desafios complexos demandam práticas e saberes integrais. No âmbito da teologia sistemática, há uma aproximação das questões que dizem respeito à teologia prática, quando o papa, sobretudo, toca no tema da educação e da espiritualidade ecológicas. Sem conversão ecológica, diz, nossa conversão não será integral. Maria Clara Binge-

mer destaca as quatro características próprias à teologia de Francisco: encarnada, missionária, integradora e em movimento. Ele deseja uma teologia que se repensa ao pensar o mundo, segundo os critérios revelados por Jesus Cristo, como primícias do reino de Deus.

6. Perfil eclesiológico

Alberto Parra já nos fez antever as implicações eclesiológicas da transformação de uma Igreja piramidal numa Igreja circular. Com Francisco, a circularidade trinitária é o paradigma por excelência para a concretização de um *modus vivendi* eclesial que esteja alinhado com as exigências de um mundo cada vez mais plural e globalizado. A circularidade trinitária é o desenho do plano de salvação: de uns em direção a todos e de todos em relação a cada um, sem esquecer que “o

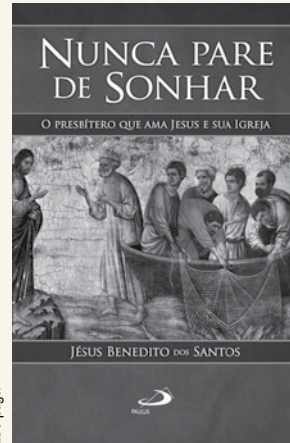
todo é superior à parte”. Assim diz Francisco: “É preciso alargar sempre o olhar para reconhecer um bem maior que trará benefício a todos nós” (EG 234). O modelo aqui proposto já não é mais a esfera (círculo), mas o poliedro, pois este reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm sua originalidade. Com Francisco, é retomada a noção de *Igreja Povo de Deus*, tão presente no segundo capítulo da *Lumen Gentium* e tão mitigada, sobretudo após o Sínodo de 1985, segundo as análises de José Comblin. A fala e os atos de Francisco apontam cada vez mais para um desenho ministerial circular segundo o qual a Igreja passa a ser, em Cristo, um instrumento de inclusão dos povos no mistério da Santíssima Trindade.

Spadaro traduz a visão de uma Igreja integradora no mistério trinitário, pensada e desejada por Francisco, por meio das expressões por ele mesmo disseminadas: Igreja samaritana, pois Jesus quis que a sua Igreja estivesse aberta a todos; Igreja como hospital de campanha, pronta para salvar os feridos como que num campo de guerra; Igreja em saída, alicerçada numa pastoral de fronteiras. Para Francisco, segundo Alberto Parra, o Concílio reformulou mais a eclesiologia do que a Igreja. Para que se possa reformulá-la efetivamente, é preciso colocar Jesus no centro, não somente como objeto de estudo e expressão simbólica e litúrgica, mas principalmente como fonte inspiradora de uma nova postura na Igreja e no mundo.

Quanto a apresentar-se como bispo de Roma e citar, como nenhum outro de seus antecessores, os documentos das Conferências Episcopais e de outros líderes religiosos como o patriarca Bartolomeu (cf. *Laudato Si'*, n. 8-9), Francisco dá a entender que o princípio de colegialidade, recuperado pelo Concílio e colocado em segundo plano nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI, volta a fazer parte da agenda pontifícia e ao *modus operandi* da Igreja.

Nunca pare de sonhar O presbítero que ama Jesus e sua Igreja

Jésus Benedito dos Santos



256 págs.

Este livro é um convite a todo cristão católico a continuar sonhando o sonho do Concílio Vaticano II, para colocar o mundo moderno diante do Evangelho de Cristo. No espírito do Concílio Vaticano II, o presbítero deve ser, no meio da humanidade, uma centelha de luz a direcionar o caminho para Deus. Para isso, não basta gostar de ser presbítero, é preciso amar e viver como presbítero, amando Jesus e sua Igreja.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



7. Posicionamento sociopolítico-econômico

Austen Ivereigh apresenta cinco linhas que, no seu entender, norteiam o pontificado de Francisco: a) evangelização e cultura; é notável sua devoção e, ao mesmo tempo, o respeito para com a virgem mãe de Deus presente na cultura religiosa de diferentes povos, pois preservar a herança religiosa do povo é preservar sua memória: Guadalupe (México), Aparecida (Brasil), Virgen de la Caridad (Cuba); b) a misericórdia, como ferramenta pastoral e missionária; c) a Cultura do Encontro, como base de um autêntico pluralismo, baseado na solidariedade, no diálogo e na inclusão; d) a renovação da política, no combate à corrupção, às práticas antidemocráticas e à exploração do povo pelo poder do capital (ver a homilia na praça Mayor de Cuba diante do dirigente Raúl Castro [1931]); e) colegialidade latino-americana e a Pátria Grande, com a elaboração de uma crí-

tica à tendência centralista da União Europeia, apelando à noção de Pátria Grande, favorecendo a convivência fraterna e a solidariedade entre os povos. Segundo Ivereigh, é chegada a hora de a cultura e a teologia latino-americanas saírem de seu nicho e se expandirem além de suas fronteiras.

Conclusão

“É preciso alargar sempre o olhar para reconhecer um bem maior que trará benefício a todos nós”

Ao evocar os primeiros gestos e as primeiras palavras de Francisco, no dia em que despontou para o mundo do balcão sobre a praça de São Pedro, e ao passar pelos eixos que têm sustentado o seu pontificado, espero ter trazido alguma contribuição não somente para as pessoas que participaram daquele

rico simpósio, mas também para os leitores da *Vida Pastoral* (padres, religiosas, religiosos, ministras e ministros da Palavra e parte do povo de Deus), desejosos de conhecer as linhas mestras do pensamento do papa no intuito de colocá-las em prática. ●

Bibliografia

AUSTIN, J. *How to do things with words*. Oxford: Clarendon Press, 1962.

IVEREIGH, A. *Francisco, o grande reformador: os caminhos de um papa radical*. Prefácio de Aura Miguel. Amadora (Portugal): 20&20, 2015.

PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.

_____. *Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Loyola, 2015.

_____. *Amoris Laetitia: sobre o amor na família*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2016.

SPADARO, A. *Entrevista a papa Francisco*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html>. Acesso em: 5 dez. 2016.

A Liturgia Diária, pioneira no Brasil, agora também disponível em formato grande (17 cm X 24 cm), oferece maior praticidade na hora da leitura.

Um guia especial para rezar, celebrar e meditar a Palavra de Deus diariamente.

Assine: assinaturas@paulus.com.br



Os grandes temas do pontificado do papa Francisco

João Décio Passos*

As temáticas adotadas como eixos, plataformas e objetivos por Francisco podem ser analisadas por distintos vieses, uma vez que precisam ser fundamentadas naquilo que constitui a Igreja como instituição gerada pela fé cristã ao longo da história e que compõem um conjunto coerente, sem o qual tudo se fragmenta e perde a legitimidade.

*João Décio Passos é livre-docente em Teologia, professor da PUC-SP e do ITESP, membro da equipe de reflexão da Comissão Episcopal para o laicato da CNBB e editor assistente na Editora Paulinas.
E-mail: jdpassos@pucsp.br

Introdução

É preciso lembrar que alguns fatores dificultam apresentar com a devida precisão os grandes temas do pontificado de Francisco. Primeiro, por se tratar de um pontificado em andamento e, por conseguinte, de um pensamento em curso, o que pode tornar toda categorização um risco. O segundo é o fato de Francisco ser um pastor profundamente sintonizado com as realidades concretas, de forma que seu pensamento pode renovar-se nessa sintonia, na busca de respostas concretas para os problemas. Ele continua, de fato, surpreendendo-nos com seus posicionamentos a cada dia. O terceiro, de cunho mais teórico, diz respeito à abertura que lhe é característica e que, muitas vezes, o livra de qualquer enquadramento. Francisco transcende categorizações que o localizem mais *ad intra* ou *ad extra* na Igreja, que definam seu projeto de reforma como ruptura ou continuidade com a grande tradição, ou, ainda, que o classifiquem ideologicamente em campos políticos muito definidos. Nesse sentido, parece ser mais fácil e até mesmo mais seguro elucidar as suas



posturas que propriamente os temas centrais de seu pensamento. Em termos técnicos, é mais conveniente expor sua postura metodológica, de onde se possam inferir alguns conteúdos específicos.

Por outro lado, é inegável que o papa Francisco já apresentou temas que definem seu perfil como papa e, em grande medida, os rumos de seu pontificado. Estamos inegavelmente diante de um personagem renovador que, como tal, desperta paixões dentro e fora da Igreja. Como todo personagem de perfil carismático, provoca divisões entre quem é a favor e contra. É fato visível que Francisco opera com um novo paradigma teológico no âmbito do magistério papal. E é também evidente que toda plataforma renovadora exige um discurso legitimador capaz de justificar e direcionar as mudanças pretendidas, sem o que prevaleceria a cisão institucional, ainda mais em se tratando de uma instituição de dinâmica tradicional como a Igreja católica. Nesta, um novo paradigma só é legítimo se ancorado na longa tradição: o novo deve ser buscado no meio do antigo, jamais como um paradigma renovador, puro, que nega ou dispensa o anterior.

As temáticas adotadas como eixos, plataformas e objetivos por Francisco podem ser analisadas por distintos vieses, uma vez que precisam ser fundamentadas naquilo que constitui a Igreja como instituição gerada pela fé cristã ao longo da história e que compõem um conjunto coerente, sem o qual tudo se fragmenta e perde a legitimidade. O magistério papal é a colocação da palavra autorizada que visa orientar o conjunto da Igreja sobre temas variados e numa determinada direção. Dentre as várias possibilidades de verificar os temas do pensamento de Francisco, escolhemos como hipótese quatro tópicos,

a nosso ver constitutivos do magistério dele: o ponto de partida e o centro permanente de seus ensinamentos (a Igreja em saída), o método de construção permanente de seus discursos (a volta às fontes, às Escrituras e ao Vaticano II), o valor fundamental (a postura da misericórdia) e o interlocutor principal (os pobres).

“Francisco transcende categorizações que o localizem mais ad intra ou ad extra na Igreja, que definam seu projeto de reforma como ruptura ou continuidade com a grande tradição”

Em nosso entender, essas temáticas não são meramente estruturantes do pensamento dele, mas expressam, antes de tudo, a dinâmica centrífuga que o movimenta e ativa em relação às temáticas por ele abordadas: que coloca a Igreja em saída para além de si mesma, referenciada pelo evangelho e em contado com o outro, particularmente com os pobres. Essa dinâmica se assenta e se articula sobre uma base cristológica:

o Cristo encarnado que impulsiona e chama a Igreja para encarnar-se na realidade presente, tocando a carne de Cristo na carne dos que sofrem.

1. O ponto de partida: a Igreja em saída

A Igreja em saída é a superação da Igreja autorreferenciada. Eis o ponto de partida, a pedra fundamental do pensamento de Francisco. A *Igreja em saída* já estava latente como eclesiologia capaz de superar a crise da Igreja, cuja raiz era o seu autocentramento, nas reflexões feitas pelo cardeal Bergoglio durante as congregações que prepararam o conclave. E desde a exortação *Evangelii Gaudium* se mostra como a ideia mestra ou a fonte que lança a Igreja para fora de si mesma, na direção de suas origens primeiras e na direção do mundo e dos outros, particularmente dos mais fragilizados. De fato, essa postura/propositura teve um papel fundamental na construção da própria figura

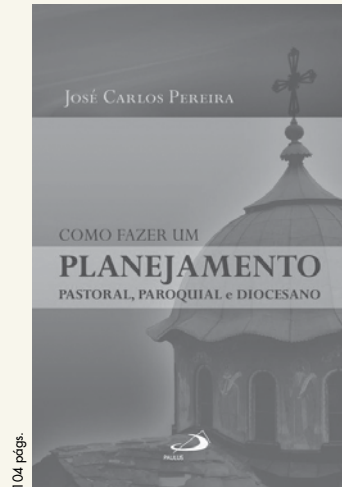


ra no novo papa, na medida em que fez parte de seus pronunciamentos durante as referidas congregações. O cardeal Bergoglio insistia que a crise que se abatia sobre a Igreja católica naquele momento se devia ao seu autocentramento e que essa postura equivocada deveria ser superada com urgência. De fato, a figura do novo papa emergiu investida da missão de reformar a Igreja. A crise que se abatia sobre a Igreja produzia um personagem carismático-reformador, estratégia prevista pela sociologia do poder, conforme já explicou Max Weber. Na ótica da fé, há que professar que o Espírito renovou a Igreja com um personagem adequado para o momento. Em momentos de crise, o sistema antigo não goza mais de legitimidade para oferecer saídas e sujeitos para dar continuidade a seu projeto; é preciso, então, um novo personagem, um profeta vindo de fora para assumir o comando e garantir a continuidade da tradição que transmite um carisma fundamental. E lembramos todos que Francisco dizia ter vindo do “fim do mundo”, logo após sua eleição. Era o papa do sul, não europeu, fora dos quadros curiais e, pela primeira vez, um jesuíta. Um personagem, de fato, novo e investido da legitimidade política e espiritual de renovar a Igreja.

A primeira fase de superação da patologia do autocentramento eclesial foi gestual e causou grande impacto nas mídias. O novo papa rompia com os protocolos. Pediu ao povo que rezasse por ele, antes de dar a primeira bênção, apresentou-se como bispo de Roma, recusou residir no palácio apostólico, afirmou que o papa erra, teceu críticas à própria Igreja etc. Inegavelmente, a Igreja tinha um papa que rompia com a postura pontifical e quase transcendente de um líder religioso sagrado. Alguns diziam, por essa razão, que ele estava dessacralizando o papado. Outros acolhiam com surpresa e entusiasmo. Aparecia, de fato, a figura de um papa em saída não somente para além dos

Como fazer um planejamento pastoral, paroquial e diocesano

José Carlos Pereira



A proposta deste livro é ajudar dioceses e paróquias, com indicações práticas, a elaborar o seu planejamento pastoral, de modo que ele se transforme em planos de pastoral que permitam novas inspirações para a ação missionária, além de possibilitar que se mantenha a unidade na diversidade.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





protocolos, mas também para além dos muros físicos e institucionais que caracterizam a figura do pontífice, agora mais adequadamente “bispo de Roma”.

Na volta de sua viagem da Jornada da Juventude no Brasil, declarou em entrevista que a Igreja devia ser reformada, utilizando a expressão clássica *ecclesia semper reformanda*. Embora tivera cunhagem na Idade Média, era, de fato, a expressão usada por Lutero e pelos reformadores para embasar suas reformas e que, no contexto do século XVI, afirmava a necessidade de a Igreja superar seu autocentramento institucional. Com essa expressão, Francisco definiu os rumos de seu pontificado e o projeto que tinha para a Igreja: renovação permanente a partir de suas fontes. A pauta da reforma assumiu, de fato, o centro imaginário e real de seu pontificado desde a nomeação da comissão dos oito prelados encarregados de tal tarefa.

Mas foi a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* que oficializou esse projeto de renovação, transformando-o em programática oficial do pontificado, mas também em princípio eclesiológico para toda a Igreja: Igreja missionária em saída permanente para o outro, preferencialmente para os pobres. O conceito de Igreja em saída deu o significado teológico, político, pastoral e espiritual da reforma da Igreja. Vale citar a passagem da exortação que convoca todos à tarefa renovadora inadiável da Igreja: “Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual do que à autopreservação” (EG 27). E faz a convocação: “Convido todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objeti-

vos, as estruturas, o estilo e os métodos das respectivas comunidades” (EG 33).

A Igreja em saída não foi apenas um *slogan* do pontificado ou o eixo da exortação apostólica sobre a evangelização. Tem sido, de fato, a base programática do pontificado, com impactos renovadores em todas as dimensões e ações da Igreja: na pastoral, na moral, na teologia e no próprio papado. A partir dessa postura eclesial, é possível situar os demais ensinamentos do magistério de Francisco em seus pronunciamentos e documentos. A Igreja sai ao encontro da vida planetária, coloca-se em diálogo com as ciências e os movimentos empenhados na questão e vai ao encontro das diversidades culturais e religiosas e das pessoas que estão excluídas das comunidades cristãs por razões morais. Assim sintetiza Francisco: “prefiro uma Igreja acidentada, ferida, enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa em um emaranhado de obsessões e procedimentos” (EG 49).

“A Igreja em saída não foi apenas um slogan ou o eixo da exortação apostólica sobre a evangelização. Tem sido, de fato, a base programática do pontificado de Francisco”

2. A volta às fontes: o coração do evangelho

Toda empreitada de renovação de uma tradição e de uma instituição precisa ser feita a partir de uma referência legítima, ou seja, a partir de um fundamento que garanta a sua verdade e assegure um consenso mínimo em torno de sua proposta. A renovação não pode basear-se unicamente nas palavras do líder renovador, mas nas *Palavras* sobre as quais se assenta a instituição e com base nas quais a tradição existe e se põe a transmiti-las às gerações. Na fenomenologia da religião se fala



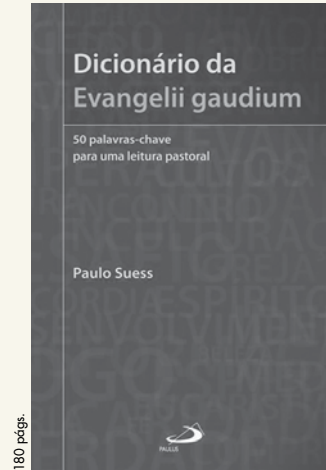
em volta ao tempo das origens, na sociologia se fala em volta ao carisma, e no cristianismo se costuma falar em “volta às fontes”. No caso deste, as fontes já estão codificadas num cânon que as comunica e testemunha. Voltar às fontes é voltar ao carisma que fundou e fundou a Igreja. Numa palavra, voltar a Jesus Cristo e a tudo o que ele ensinou e comunica como salvação para a Igreja atual. Os grandes reformadores fizeram de alguma forma esse movimento e, precisamente por essa razão, obtiveram êxitos em suas posturas.

Francisco fundamenta todos os seus discursos e projetos, antes de tudo, no evangelho. Fala constantemente em “coração do evangelho”. Todo o edifício e o conjunto da doutrina nascem diretamente do coração do evangelho e a ele devem submeter-se. Nesse núcleo fundamental, encontra “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado” (EG 36). É a partir desse núcleo que se deve hierarquizar as verdades, conforme o Vaticano II ensinou (UR 11), de forma a sair ao encontro de todos, onde Deus já habita (EG 36-39).

Na encíclica *Laudato Si'*, dá o primeiro passo do momento do julgar (segundo o método ver-julgar-agir adotado) precisamente no evangelho da criação. Na sequência, aprofunda o julgamento da crise planetária, a partir das ciências humanas (capítulo III) e da própria ecologia (capítulo IV). As fontes bíblicas são o ponto de partida que oferece um primeiro horizonte para as demais análises. Na tradição que articula fé e razão, adota um caminho indutivo e não dedutivo. Não parte dos conteúdos oferecidos pela tradição e pelos “predecessores”, conforme costume dos discursos papais, mas dos conteúdos oferecidos pelas fontes bíblicas. Francisco sabe que quer falar para um público que está fora da Igreja, mas insiste em buscar nas fontes escriturísticas elementos que permitam ir ao encontro da terra como dom de Deus (LS 62). A sua teologia ecológica é, antes de tudo, bí-

Dicionário da *Evangelii gaudium* 50 palavras-chave para uma leitura pastoral

Paulo Suess



Nem todos os envolvidos nos processos pastorais de hoje têm tempo suficiente para ler as quase 50 mil palavras da *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*. A partir de 50 palavras-chave, o presente Dicionário procura facilitar a entrada nessa montanha gigante do documento com propostas surpreendentes, audazes e inovadoras, explícitas e nas entrelinhas, que papa Francisco enviou ao centro da Igreja.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





blica. Os compromissos ecológicos dos cristãos brotam das convicções de fé (LS 64). O primeiro sentido de todas as coisas da fé reside nessa fonte primeira, de onde tudo pode renovar-se. O evento Cristo renova todas as coisas com sua morte e ressurreição e permite ao cristão rever suas posturas e converter-se ecologicamente. De fato, a espiritualidade ecológica nasce “das convicções de nossa fé, pois aquilo que o evangelho nos ensina tem consequências em nosso modo de pensar, sentir e viver” (LS 216).

Na exortação *Amoris Laetitia*, a postura é exatamente a mesma. Contudo, a problemática se mostra ainda mais complexa e mais grave, tendo em vista o objeto em questão: a participação dos casais recasados. A doutrina formulada e estabelecida como regra não vacila no que tange à participação deles na comunhão eucarística. A norma definida e transmitida pelo magistério afirma a situação de pecado desses casais e, por conseguinte, o impedimento de sua participação nos sacramentos. Essa questão constituiu, de fato, o nó a ser desatado pelos Sinodos da Família realizados em 2014 e 2015. Como recolocar essa questão, resolvida do ponto de vista da norma moral na dinâmica da misericórdia? Como superar a situação de pecado sem haver perdão? De onde retirar as orientações capazes de avançar, sem negar a doutrina moral? A exortação pós-sinodal recolhe a orientação fundamental dos padres sinodais e avança com cuidado e firmeza na orientação. A raiz vem do evangelho. É dele que vem o valor e a norma fundamental da misericórdia a ser adotada antes de qualquer outra orientação doutrinal, por mais coerente e precisa que esta possa ser. A estrutura geral do documento expressa essa fundamentação. Começa, no primeiro capítulo, “à luz da palavra” para dar “o

tom adequado” (AL 6), e após analisar a realidade, no segundo capítulo, julga-a a partir do Novo Testamento: o olhar fixo em Jesus (capítulo III), o amor, tendo como base 1Cor 13 (capítulo IV). De fato, fora da fundamentação bíblica, que outra hermenêutica poderia recolocar os problemas urgentes das famílias atuais legislados por normas rígidas e consolidadas? Em nome do evangelho, Francisco critica a rigidez e sugere que as comunidades façam o discernimento e integrem a fragilidade (capítulo VIII).

“Um pastor não pode sentir-se satisfeito apenas aplicando leis morais aos que vivem em situações ‘irregulares’, como se fossem pedras que se atiram contra a vida das pessoas”

A crítica é apresentada logo na introdução, quando reconhece que é necessário continuar aprofundando o assunto (AL 2), que há maneiras diferentes de interpretar a doutrina e de aplicá-la, e que há que buscar soluções mais inculturadas, conforme as peculiaridades das regiões (AL 3). A crítica se torna mais aguda quando diz que é preciso haver uma conversão missionária que supere

a aplicação do “anúncio teórico desligado dos problemas reais das pessoas” (AL 201) e que “ninguém pode ser condenado, porque esta não é a lógica do evangelho” (AL 297). O número 305 faz uma denúncia profética a certas práticas consolidadas na Igreja:

Por isso, um pastor não pode sentir-se satisfeito apenas aplicando leis morais aos que vivem em situações “irregulares”, como se fossem pedras que se atiram contra a vida das pessoas. É o caso dos corações fechados, que muitas vezes se escondem atrás dos ensinamentos da Igreja para sentar-se na cátedra de Moisés e julgar, às vezes com superioridade e superficialidade, os casos difíceis e as famílias feridas.

É do evangelho que vem o fundamento de toda e qualquer formulação moral e de sua aplicação concreta. Nenhuma norma se



impõe pela força da autoridade (AL 35), e o matrimônio é sempre um aprofundamento gradual das exigências do evangelho (AL 38). No coração do evangelho se encontra o amor, de onde o casal retira a força e o rumo de sua vida. Os números 58 e 59 da exortação expõem de maneira clara o primado do evangelho no ensino sobre a vida familiar: “Dentro da família e no meio dela, deve ressoar sempre de novo o primeiro anúncio”. Porque não há nada mais sólido, profundo, seguro, consciente e sábio, afirma Francisco. E conclui que “O nosso ensinamento sobre o matrimônio e a família não pode deixar de se inspirar e transfigurar à luz desse anúncio de amor, se não quiser tornar-se mera defesa de uma doutrina fria e sem vida”.

3. O imperativo da misericórdia

No coração do evangelho reside a misericórdia como dom de Deus e como valor fundamental dos seguidores de Jesus. A Igreja que sai na busca do outro segue o caminho da misericórdia. Portanto, a misericórdia é, ao mesmo tempo, princípio, caminho e meta da vida cristã. Se for possível afirmar a noção teológica axial do pontificado e do pensamento de Francisco, será sem dúvida a misericórdia. Não é necessário demonstrar a presença dessa noção nos discursos e propósitos dele. De fato, ela atravessa seu pensamento como força que permite tudo repensar e tudo reformar, como valor que desafia a Igreja à conversão permanente e como categoria em torno da qual ele articula as reflexões. Na misericórdia se encontram, de modo indissociável, Deus e o ser humano, a espiritualidade e a inserção social, a Igreja e o mundo, a doutrina e o discernimento.

A indiferença é o principal antônimo da misericórdia. É a atitude pecaminosa que nos isola em nós mesmos e faz esquecer os outros, de modo escandaloso os pobres e o planeta; mas também os que estão à margem da

Gestão eficaz Sugestões para a renovação paroquial

José Carlos Pereira



A proposta deste livro é planejar uma gestão paroquial mais eficaz para tornar a paróquia mais empreendedora, tendo atitudes mais ousadas e atualizadas; atitudes de pessoas consagradas ou leigas, conscientes de sua participação e missão na Igreja.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



PAULUS

Imagens meramente ilustrativas.



Igreja. A indiferença está instalada como cultura, ou seja, como modo de ser que, de algum modo, envolve a todos. Francisco fala reiteradamente em globalização da indiferença, fruto do isolamento individualista e hedonista que caracteriza o consumismo da sociedade atual. A indiferença nos impede de ver o sofrimento do outro, de chorar, diz Francisco. É preciso “revigorar a consciência de que somos uma única família humana. Não há fronteiras nem barreiras políticas ou sociais que permitam isolar-nos e, por isso mesmo, também não há espaço para a globalização da indiferença” (LS 52).

A misericórdia exige conversão, mudança não somente das convicções – algo unicamente espiritual – mas mudança em nossos hábitos centrados em práticas de bem-estar cada vez mais acentuadas e que fazem esquecer tudo mais. Esse relativismo prático, mais perigoso que o teórico e que tem como absoluto somente o eu satisfeito, significa “agir como se Deus não existisse, decidir como se os pobres não existissem, sonhar como se os outros não existissem” (EG 80). A atitude de misericórdia rompe com esses modos de vida; é conversão para o encontro, conversão ecológica, conversão para a solidariedade e para a inclusão do outro. A Igreja precisa “chegar às periferias humanas e ser uma mãe de “coração aberto” e acolher quem “ficou caído à beira do caminho” (EG 46).

A misericórdia constitui a dinâmica central da economia salvífica e, por conseguinte, a razão de ser da Igreja. Esta tem “a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa humana” (MV 12). Constitui, por essa razão, o critério de identificação dos filhos de Deus (MV 9), o imperativo anterior a todas as regras dirigido a todos os seguidores de Jesus

(MV 13) para que adotem esse valor como “estilo de vida” (MV 13).

4. A opção pelos pobres

“A renovação inadiável se faz também na medida em que a Igreja se encarna nas *limitações humanas*” (EG 40). O outro pode converter-nos com seus apelos; pode ajudar a renovar a Igreja, muitas vezes fechada em si mesma, segura de suas estruturas e definida em suas normas. A misericórdia leva antes de tudo aos pobres. O Deus amor revelado por Jesus Cristo acolhe, perdoa e integra os pobres e sofredores. “Os sinais que realiza, sobretudo para com os pecadores, as pessoas pobres, marginalizadas, doentes e atribuladas, decorrem sob o signo da misericórdia” (MV 9).

a) Os pobres no coração de Deus. A sensibilidade, a atenção e a opção pelos pobres não são simplesmente uma opção social e política; são, antes de tudo, uma questão de fé: “há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres” (EG 48). O anúncio do evangelho aos pobres é o sinal da profecia de Jesus. Jesus Cristo é o Deus que se fez pobre com os pobres (EG 186). Os pobres ocupam um lugar preferencial no coração de Deus, e por essa razão fazem parte do mistério de nossa redenção (EG 197).

b) Os pobres produzidos socialmente. Francisco faz indicações diretas claras sobre a origem estrutural da pobreza: “Enquanto não forem radicalmente solucionados os problemas dos pobres, renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira e atacando as causas estruturais da desigualdade social, não se resolverão os problemas do mundo e, em definitivo, problema algum” (EG 202).

“Se for possível
afirmar a noção
teológica axial do
pontificado e do
pensamento de
Francisco, será sem
dúvida a misericórdia”



Há um sistema tecnocrático globalizado que privilegia o lucro sem limites, que destrói o planeta e gera pobreza. Esse regime deverá ser superado por outro capaz de garantir a vida e a igualdade. Eis o recado fundamental da encíclica *Laudato Si'* (106-114). Esse regime, injusto em sua raiz, reproduz uma sociedade desigual que se volta contra si mesma, ao gerar mecanismos de violência e de corrupção (EG 59-60).

c) A cultura da indiferença descarta os pobres. O modo de vida consumista é inerente ao sistema econômico; nesse regime, os pobres são descartados. A cultura individualista resulta no relativismo, que faz com que as pessoas ajam como se Deus não existisse e decidam como se os pobres não existissem (EG 80). Além dessa indiferença, adotam-se muitas vezes formas de “educação” que visam tranquilizar os pobres, tornando-os domesticados e inofensivos (EG 60).

d) O imperativo da opção pelos pobres. O evangelho ensina a superar a indiferença e a colocar a Igreja em sintonia e solidariedade com os pobres. Sem os pobres, o anúncio do evangelho, que é a razão de ser da Igreja, corre o risco de ser compreendido ou de perder-se no excesso de palavras das mídias atuais (EG 199). A primeira atitude é ouvir o clamor dos pobres, o que significa sensibilidade e compreensão de sua condição, mas também solidariedade com a sua condição. Por essa razão, ninguém na Igreja pode sentir-se exonerado da solidariedade para com os pobres (EG 201), e a opção por eles não pode ser relativizada por nenhuma hermenêutica eclesial (EG 194). Cada cristão e as comunidades estão, desse modo, chamados a ser “instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar plenamente a sociedade” (EG 187).

e) Eliminar as causas da pobreza. A sensibilidade e a opção pelos pobres exige conversão: mudança no modo de ver a realidade e mudança de postura. Mas trata-se de uma

postura que significa ouvir clamor de povos inteiros e buscar os meios de superação do modelo econômico que gera a pobreza. “Não podemos mais confiar nas forças cegas e na mão invisível do mercado” (EG 204). É preciso construir um novo modo de vida e de gestão do planeta que garanta a vida da terra e dos pobres (LS 194).

A teologia da encarnação

Os quatro temas expostos podem ser vistos a olho nu nos pronunciamentos oficiais e espontâneos de Francisco. Embora não esgotem a amplitude e profundidade de seu pensamento vivaz e provocante, constituem os eixos transversais em torno dos quais se movem seu coração e sua lógica, estando presentes, de forma explícita ou implícita, em seus discursos. Mas, se é possível buscar uma teologia fundamental do pensamento do papa Francisco, ela parece advir do mistério da encarnação. Por certo, essa hipótese deverá ser ainda aprofundada pelos que estudam o pensamento dele. Ela se mostra de modo muito claro nas posturas e nas ideias do papa, a começar pelo seu modo pastoral de expor os fundamentos e as exigências práticas da vivência da fé. É, de fato, dessa verdade fundadora da fé cristã que seu pensamento bebe e se expande de dentro para fora da Igreja, avança da doutrina para a vida, da teoria para a prática e da fixidez para o movimento. A doutrina da Igreja é o próprio Cristo carne macia, afirma aos bispos italianos. O coração do evangelho conduz ao coração do outro. Acolher a Palavra e fazê-la carne (EG 150). A solidariedade se faz carne (EG 189). Francisco elabora nessa chave uma teologia do contato, da carne, da sensibilidade e do encontro que supera todas as formas de dualismo que separam a fé da história. O mistério da encarnação é a ponte que liga Deus e a humanidade na pessoa de Jesus Cristo, na pessoa do próximo e nas ações missionárias da Igreja. Na exortação *Evangelii Gaudium*, a palavra *carne* aparece dezesseis vezes, e o verbo en-



carnar, outras dezesseis. O Cristo feito carne se faz presente na carne do outro (EG 88, 270), e a palavra anunciada por todos os discípulos é uma oferta de misericórdia: “com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até a humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo” (EG 24).

A *misericórdia* constitui a postura fundamental da vida cristã; ela agrega em seu significado a acolhida, a sensibilidade e a solidariedade para com os mais fracos e sofredores; liga o seguidor ao próprio Mestre misericordioso. Nesse eixo, encontram-se o Cristo vivo e o homem vivo, o Cristo que sofre com os sofredores concretos, o Cristo pobre com os pobres de hoje, e o Cristo que perdoa com os pecadores.

É também na prática encarnatória que

“O coração do evangelho conduz ao coração do outro.

Acolher a Palavra e fazê-la carne.

A solidariedade se faz carne”

emerge o outro em sua condição concreta, quando a realidade se mostra anterior às ideias e o contato pessoa a pessoa torna-se o caminho de evangelização. O outro é o lugar teológico, o verdadeiro irmão, antes de qualquer distinção social, política ou religiosa; o outro tem sua verdade, que deve ser respeitada e com a qual se deve sintonizar na busca da Verdade em todo o processo de evangelização: “A graça supõe a cultura, e o dom de Deus se encarna na cultura de quem o recebe” (EG 115). A Igreja em saída leva a encontros concretos com sujeitos que estão fora da Igreja, fora da sociedade, fora da

norma moral instituída, fora das normalidades sociais e políticas. A teologia da carne supera as teologias das estruturas, das fixações e das regras que dispensam o encontro, o afeto, a acolhida e a solidariedade, onde, na experiência primeira da fé, que é o amor, Deus se encontra com o ser humano. ●

Bibliografia

CONCÍLIO VATICANO II *Documentos do Concílio Vaticano II*. Decreto *Unitatis redintegratio*. São Paulo: Paulus, 2004.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* (EG). São Paulo: Paulus/Loyola, 2014.

_____. *Carta Encíclica Laudato Si'* (LS). São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.

_____. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Amoris Laetitia* (AL). São Paulo: Paulus/Loyola, 2016.

_____. *Bula Misericordiae Vultus* (MV). São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.

PASSOS, J. D. *A Igreja em saída e a casa comum*: Francisco e os desafios da renovação. São Paulo: Paulinas, 2016.

_____. *A alegria do amor*: das sementes aos frutos. São Paulo: Paulinas, 2017.

Folheto O Domingo - um periódico que tem a missão de colaborar na animação das comunidades cristãs em seus momentos de celebração eucarística.

Assine: assinaturas@paulus.com.br



O papa Francisco e a juventude

Dom Vilson Basso*

Uma síntese das palavras do papa Francisco à juventude nas Jornadas Mundiais da Juventude, nos documentos que escreveu e nos principais eventos de seu pontificado. Sobre um papa de 80 anos que cativa os jovens. Sobre um papa que faz selfie, que tem um sorriso largo, constante; um papa que fala simples e direto, repetindo o que quer acentuar e fazendo com que os jovens repitam junto, um papa que usa as redes sociais, um papa para os tempos modernos, um papa para os jovens, com os jovens, pelos jovens. Assim é o papa Francisco.

*Dom Vilson Basso, scj, bispo da Diocese de Caxias, Maranhão, presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude da CNBB.

1. Jornada Mundial da Juventude (JMJ), julho de 2013

Sua chegada ao Brasil, a primeira viagem do papa fora do continente europeu, para se encontrar com os jovens, de cara foi marcada por sua presença simples, dispensando carro oficial especial, saudando o povo no meio do trajeto rumo ao centro da cidade.

A chuva e o frio não afastaram a juventude. O papa chegou, depois foi a Aparecida e retornou para o Rio. Foram dias de muita emoção e aprendizado, dos quais destaco algumas palavras ditas pelo pontífice neste período:

Dia 22, na cerimônia de abertura: “A juventude é a janela pela qual o futuro entra no mundo. É a janela e, por isso, nos impõe grandes desafios”.

Dia 25, na missa com a juventude argentina: “Desejo dizer-lhes qual é a consequência que eu espero da Jornada da Juventude: espero que façam barulho. Aqui farão barulho, sem dúvida. Aqui, no Rio, farão barulho, farão certamente. Mas eu quero que se façam ouvir também nas dioceses, quero que saiam, quero que a Igreja saia pelas estradas, quero que nos defendamos de tudo o que é mundanismo, imobilismo, nos defendamos do que é comodidade, do que é clericalismo, de tudo aquilo que é viver fechados em nós mesmos.



As paróquias, as escolas, as instituições são feitas para sair; se não o fizerem, tornam-se uma ONG e a Igreja não pode ser uma ONG. Que me perdoem os bispos e os sacerdotes, se alguns depois lhes criarem confusão. Mas este é o meu conselho. Obrigado pelo que vocês puderem fazer”.

Dia 28, na missa de encerramento: “Foi bom participar desta Jornada Mundial da Juventude, vivenciar a fé junto com jovens vindos dos quatro cantos da terra, mas agora você deve ir e transmitir essa experiência aos demais. Jesus lhe chama a ser um discípulo em missão! Hoje, à luz da Palavra de Deus que acabamos de ouvir, o que nos diz o Senhor? Que nos diz o Senhor? Três palavras: *Ide, sem medo, para servir*”.

Dia 28, no encontro com os voluntários: “Deus chama para escolhas definitivas. Ele tem um projeto para cada um: descobri-lo, responder à própria vocação, é caminhar para a realização feliz de si mesmo. A todos Deus nos chama à santidade, a viver a sua vida, mas tem um caminho para cada um. Alguns são chamados a se santificar constituindo uma família através do sacramento do matrimônio. Há quem diga que hoje o casamento está ‘fora de moda’. Está fora de moda? [Não...] Na cultura do provisório, do relativo, muitos pregam que o importante é ‘curtir’ o momento, que não vale a pena comprometer-se por toda a vida, fazer escolhas definitivas, ‘para sempre’, uma vez que não se sabe o que reserva o amanhã. Em vista disso, eu peço que vocês sejam revolucionários, eu peço que vocês vão contra a corrente; sim, nisto peço que se rebelem: que se rebelem contra esta cultura do provisório que, no fundo, crê que vocês não são capazes de assumir responsabilidades, crê que vocês não são capazes de amar de verdade. Eu tenho confiança em vocês, jovens, e rezo por vocês. Tenham a coragem de ‘ir contra a corrente’. E tenham também a coragem de ser felizes!”

2. A Alegria do Evangelho, 24 de novembro de 2013

No dia 24 de novembro de 2013, no primeiro ano de seu pontificado, Francisco lança a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do evangelho no mundo atual, uma Igreja “em saída”. A esse respeito, afirma o pontífice: “Naquele ‘ide’ de Jesus estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja; hoje todos somos chamados a esta nova ‘saída’ missionária” (n. 20). “Constituamo-nos em ‘estado permanente de missão’ em todas as regiões da terra” (n. 25). Na sequência, ele dá uma atenção especial à juventude: “A Pastoral Juvenil, tal como estávamos acostumados a desenvolvê-la, sofreu o impacto das mudanças sociais... A nós, adultos, custanos ouvi-los com paciência, compreender as suas preocupações ou as suas reivindicações e aprender a falar-lhes a linguagem que eles entendem” (n. 105). “Como é bom que os jovens sejam ‘caminheiros da fé’, felizes por levarem Jesus Cristo a cada esquina, a cada praça, a cada canto da terra” (n. 106).

3. A Laudato Si’, 24 de maio de 2014

Em sua encíclica sobre o cuidado com a casa comum, o papa Francisco, falando de educar para a aliança entre a humanidade e o ambiente, afirma: “Os jovens têm uma nova sensibilidade ecológica e espírito generoso, e alguns deles lutam admiravelmente pela defesa do meio ambiente” (n. 209).

Nessa carta, o pontífice apela para a simplicidade e sobriedade voluntárias. Contra o consumismo, que gera desigualdade, desequilíbrio e desperdício, afirma Francisco:

A espiritualidade cristã propõe uma forma alternativa de entender a qualidade de vida, encorajando um estilo de vida profético e contemplativo, capaz de gerar profunda alegria sem estar obcecado pelo



consumo... É importante adotar um antigo ensinamento, presente em distintas tradições religiosas e também na Bíblia. Trata-se da convicção de que “quanto menos, tanto mais”... A espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco (n. 222).

E prossegue: “A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida, nem de vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário. É possível necessitar de pouco e viver muito, sobretudo quando se é capaz de dar espaço a outros prazeres, encontrando satisfação nos encontros fraternos, no serviço, na fruição dos próprios carismas, na música e na arte, no contato com a natureza, na oração” (n. 223).

Os jovens, as novas gerações deverão ser tocadas por este desafio do “quanto menos, tanto mais”, fazendo frente ao mundanismo, ao consumismo e a consequente destruição da natureza, da casa comum. Está, também, nas mãos da juventude o desafio de cuidar do presente e do futuro do planeta.

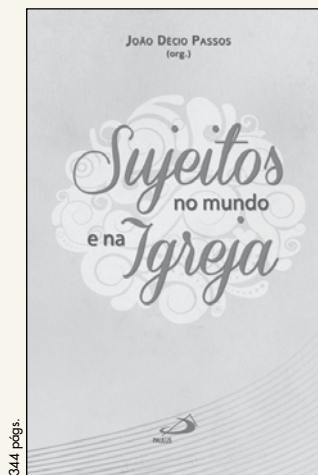
4. A alegria do amor, 19 de março de 2016

Referindo-se aos jovens, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*, o papa Francisco diz:

Correndo o risco de simplificar, podemos dizer que vivemos em uma cultura que impele os jovens a não formarem uma família, porque nos privam de possibilidades para o futuro. [...] Precisamos encontrar as palavras, as motivações e os testemunhos que nos ajudem a tocar o íntimo dos jovens, em que são mais capazes de generosidade, de compromisso, de amor e até mesmo de heroísmo, para convidá-los a

Sujeitos no mundo e na Igreja Reflexões sobre o laicato a partir do Concílio Vaticano II

João Décio Passos (org.)



A Nova Evangelização passa pela ação missionária, que prepara verdadeiros discípulos de Jesus Cristo no mundo e para o mundo. Nesse sentido, cresce na Igreja do Brasil o interesse de Dioceses pela criação dos Conselhos Diocesanos de Leigos, visando aprofundar sua identidade e atuação. É preciso juntar forças, unir-se na mesma ação evangelizadora, compartilhando sonhos e desejos, convocando todos os batizados para uma reflexão sobre a missão da Igreja não apenas “para” os leigos, mas “com” os leigos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





aceitar, com entusiasmo e coragem, o desafio do matrimônio (n. 40).

Prossegue o pontífice: “O Estado tem a responsabilidade de criar as condições legislativas e trabalhistas para garantir o futuro dos jovens e ajudá-los a realizar seu projeto de formar família” (n. 43).

Comentando o texto bíblico de 1Cor 13,4-7, diz o papa: “Vemos algumas características do amor verdadeiro”. Fala em paciência, atitude de serviço, curando a inveja, sem ser arrogante nem se orgulhar, amabilidade, desprendimento, sem violência interior, perdão, alegrar-se com os outros, tudo desculpa, confia, espera, tudo suporta.

A respeito dos idosos e de seu relacionamento com os jovens, afirma o pontífice: “Por isso, como gostaria de uma Igreja que desafia a cultura do descarte com a alegria transbordante de um novo abraço entre jovens e idosos” (n. 191).

Na sequência, afirma Francisco: “É preciso ajudar os jovens a descobrir o valor e a riqueza do matrimônio. Devem poder captar o fascínio de uma vida plena que eleva e aperfeiçoa a dimensão social da vida, confere à sexualidade o seu sentido maior, ao mesmo tempo que promove o bem dos filhos e lhes proporciona o melhor contexto para o seu amadurecimento e educação” (n. 205).

Por fim, falando da lógica da misericórdia pastoral, diz Francisco: “É preciso encorajar os jovens batizados para não hesitarem perante a riqueza que o matrimônio oferece aos seus projetos de amor, com a força do apoio que recebem da graça de Cristo e da possibilidade de participar plenamente na vida da Igreja” (n. 307).

5. JMJ na Polônia, julho de 2016

Passada a JMJ do Rio, foram anunciados os temas das JMJs de 2014, 2015 e 2016, baseados nas bem-aventuranças. Os temas são, respectivamente, “Felizes os pobres em

espírito, porque deles é o Reino do Céu” (Mt 5,3), “Felizes os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8) e “Felizes os misericordiosos, porque encontrarão misericórdia” (Mt 5,7).

Na JMJ da Polônia, entre as muitas mensagens, as mais fortes foram a ideia de que as coisas podem mudar e a convocação da juventude para sair do sofá, ser protagonista, deixar sua marca na história, na Vigília da JMJ.

Essa última mensagem foi dada logo após ter sido anunciado o DOCAT, o livro com a Doutrina Social para os jovens, convocando-os a mudar a si mesmos, o seu redor e o planeta.

Em 28 de julho de 2016, no encontro de boas-vindas dos participantes da JMJ, o papa Francisco disse:

Quando Jesus toca o coração dum jovem, dum jovem, estes são capazes de ações verdadeiramente grandiosas. É estimulante ouvi-los partilhar os seus sonhos, as suas questões e o seu desejo de opor-se a quantos dizem que as coisas não podem mudar. A estes, chamo-lhes “quietistas”, imobilistas: “Nada pode mudar”. Não é verdade; os jovens possuem a força de se lhes opor. Mas, talvez, alguns não estejam muito seguros disso! Eu pergunto-vos; vós respondeis: as coisas podem mudar? [Sim!] Não se ouve... [Sim!] Agora, sim!

6. O DOCAT, julho de 2016

Durante a JMJ, em Cracóvia, na Polônia, foi lançado oficialmente o DOCAT: a Doutrina Social da Igreja para os jovens, em apresentação e linguagem juvenil.

O papa Francisco, no prefácio do DOCAT, diz: “Queridos jovens! O meu predecessor, o papa Bento XVI, colocou nas vossas mãos um Catecismo para Jovens, o



YOUCAT. Hoje gostaria de entregar a vocês outro livro, o DOCAT, que contém a Doutrina Social da Igreja”.

Continua o papa: “No título está escondido o verbo inglês ‘TO DO’. O DOCAT responde à pergunta ‘Como agir? O que fazer?’ – é como que um manual de instruções que nos ajuda, com o evangelho, em primeiro lugar, a transformarmos a nós mesmos, depois a transformarmos o nosso ambiente mais próximo e, por fim, o mundo inteiro. Na verdade, com a força do evangelho, podemos transformar realmente o mundo”.

A base da Doutrina Social da Igreja é a Bíblia.

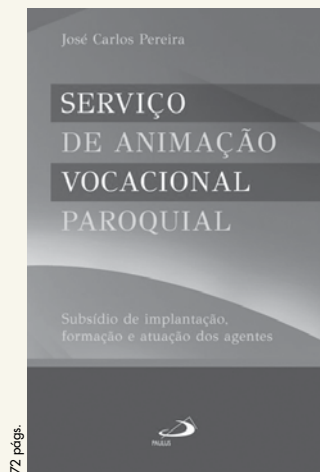
Jesus diz: “O que fizerdes a um dos meus irmãos mais pequenos é a mim que o fazeis”. Muitos santos sentiram-se profundamente tocados por essa passagem da Escritura. São Francisco de Assis mudou por isso radicalmente a sua vida. Santa Teresa de Calcutá converteu-se por causa dessas palavras. E Charles de Foucault, confessou: “Não há em todo o evangelho nenhuma palavra que tenha exercido mais influência na minha vida do que esta: tudo o que fizerdes a um dos meus irmãos mais pequeninos é a mim que o fazeis. Quando penso que essa palavra saiu da boca de Jesus, a Palavra eterna de Deus, que diz isto: ‘Isto é o meu corpo, [...] isto é o meu sangue [...]’. Como me vejo então chamado a procurar e a amar Jesus sobretudo nos pequenos, nos mais pequenos.

Continua dizendo o papa Francisco:

“Esta economia mata”, como referi na minha exortação *Evangelii Gaudium* (n. 53), porque, de fato, ainda existe nos nossos dias “aquela economia da exclusão e da disparidade dos rendimentos”. Há países onde 40 ou 50% dos

Serviço de animação vocacional paroquial Subsídio de implantação, formação e atuação de agentes

José Carlos Pereira



Sem uma animação vocacional adequada, nossas paróquias estão fadadas a permanecer apenas numa pastoral de manutenção, sem despertar o ardor ou a vocação missionária. Pensando nisso, preparamos este subsídio que tem como objetivo ajudar na implantação e no desenvolvimento do Serviço de Animação Vocacional nas paróquias.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





jovens estão sem trabalho. Em muitas sociedades, os idosos são rejeitados, porque aparentemente não têm “valor” e já não são “produtivos”. Extensões inteiras de terra são despovoadas, porque os pobres fogem para os bairros de periferias das grandes metrópoles com a esperança de aí encontrarem alguma coisa para poderem sobreviver. A lógica produtiva de uma economia globalizada arruinou as modestas estruturas econômicas e agrícolas das suas regiões. Cerca de 1% da população mundial possui em média 40% da riqueza mundial e 10% da população mundial possui 85%. Por outro lado, “pertence” a metade da população mundial aproximadamente 1% deste mundo. 1,4 bilhão de homens vivem com menos de 1 euro por dia.

O papa Francisco faz uma proposta e um desafio à juventude. Quer que ela saia do sofá e seja protagonista:

Quando hoje vos convido a conhecer realmente a Doutrina Social da Igreja, não estou imaginando apenas grupos de estudo debaixo de uma árvore. Isso é bom! Fazei isso! Mas o meu sonho é maior: eu espero que um milhão de jovens, mais ainda, que uma geração inteira, seja, para os seus contemporâneos, uma Doutrina Social em movimento. O mundo só mudará quando homens com Jesus se entregarem por ele, com ele forem para as periferias e para o meio da miséria. Ide também para a política e lutai pela justiça e pela dignidade humana, sobretudo dos mais pobres. Todos vós sois a Igreja. Trabalhai para que esta Igreja se transforme, para que seja viva, porque se deixa interpelar pelos gritos dos desprovidos de direitos, pelos clamores dos que sofrem todo tipo de necessidade e daqueles pelos quais ninguém se interessa.

O sonho do papa com o DOCAT se resume em: *Change yourself* – transforma-te. *Change your surroundings* – transforma o meio onde vives. *Change the whole world* – transforma o mundo. Sim, o sonho de Francisco é: “Eu espero que um milhão de jovens, mais ainda, que uma geração inteira, seja, para os seus contemporâneos, uma doutrina social em movimento”.

Como vamos participar, colaborar e contribuir para que esse sonho do papa Francisco se torne real?

A Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude da CNBB tem feito um trabalho de divulgação e estímulo aos grupos juvenis, à Pastoral Juvenil, para que os jovens assumam propostas e ações concretas. E tudo que for acontecendo será divulgado num aplicativo e no site <www.jovensconectados.org.br>.

7. Maria: os temas das JMJs de 2017, 2018, 2019

Foram divulgados pelo Dicastério para os Leigos, Família e Vida os temas escolhidos pelo papa Francisco para as próximas Jornadas Mundiais da Juventude de 2017, 2018 e 2019, os quais são, respectivamente, “O Todo-poderoso realizou grandes coisas em meu favor”, “Não temas, Maria, porque encontraste graça junto de Deus” e “Eis a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra”. As duas primeiras serão celebradas nas dioceses, e a de 2019 será no Panamá.

Segundo informa o Dicastério para os Leigos, Família e Vida, “os três temas anunciados têm como objetivo dar uma conotação mariana forte ao itinerário espiritual das próximas JMJs, recordando ao mesmo tempo a imagem de uma juventude a caminho entre passado (2017), presente (2018) e futuro (2019), animada pelas três virtudes teológicas: fé, caridade e esperança”.

Sobre essa inspiração mariana do percurso proposto aos jovens até o grande evento



de 2019, no Panamá, a Rádio Vaticano conversou com o padre João Chagas, brasileiro e responsável pelo Setor Juventude do Dicastério para Leigos, Família e Vida. Na ocasião, afirmou o padre Chagas:

É a primeira vez que um caminho de preparação para uma Jornada terá todo o percurso mariano. Nós já tivemos, em todo esse percurso de mais de trinta JMJs, duas vezes, em Jornadas celebradas em nível diocesano, os temas marianos. Mas nunca houve um tema mariano numa Jornada Mundial internacional. Dessa vez nós vamos ter três seguidos: todo um caminho mariano, uma grande alegria, uma grande bênção: sabemos como nosso povo e nossa juventude tem um carinho especial pela mãe de Deus. A Arquidiocese do Panamá é a primeira diocese em terra firme do continente americano e tem uma grande devoção a Nossa Senhora chamada “La Antigua”. Maria “La Antigua” que é uma devoção de origem espanhola, mas que é muito forte no Panamá. E, com certeza, para o Brasil, por exemplo, acho que foi muito significativa essa escolha de um tema mariano, de temas marianos, exatamente quando o Brasil celebra os trezentos anos de Aparecida, e Portugal, os cem anos de Fátima, então cai como uma luva. Não foi uma coisa, acredito, intencional, mas com certeza na intenção de Deus foi providencial.

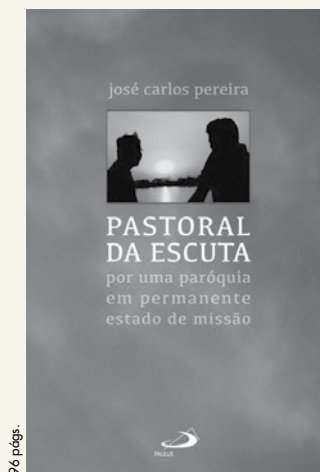
O caminho mariano proposto aos jovens para as JMJs está em sintonia com a reflexão que o papa Francisco confiou ao próximo Sínodo dos Bispos de 2018: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”.

8. O Sínodo dos bispos em 2018

De acordo com um comunicado divulgado pela Santa Sé, como de costume, o papa Francisco escolheu o tema depois de consultar as Conferências Episcopais, as Igrejas

Pastoral da Escuta Por uma paróquia em permanente estado de missão

José Carlos Pereira



96 págs.

Este subsídio apresenta os passos necessários, as ferramentas para auxiliar na implantação e manutenção da Pastoral da Escuta. A obra se coloca no espírito do Documento de Aparecida e das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, com a intenção de contribuir no processo de evangelização e para o estado permanente de missão das comunidades paroquiais.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





orientais católicas *sui iuris* e a União dos Superiores Gerais e de ouvir as sugestões dos pais da última Assembleia Sinodal e o parecer do XIV Conselho Ordinário.

Segundo o comunicado da Sala de Imprensa do Vaticano, o tema é expressão da solicitude pastoral da Igreja para com os jovens e está em continuidade com o que emergiu nas recentes assembleias sinodais sobre a família e com o conteúdo da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*.

Ainda segundo a Sala de Imprensa, a finalidade do próximo sínodo é acompanhar os jovens em seu caminho existencial rumo à maturidade, para que, através de um processo de discernimento, possam descobrir seu projeto de vida e realizá-lo com alegria, abrindo-se ao encontro com Deus e com as pessoas, participando ativamente da edificação da Igreja e da sociedade.

Na *Evangelii Gaudium*, já dizia o papa Francisco, referindo-se aos jovens, que “em muitos lugares há escassez de vocações ao sacerdócio e à vida consagrada. Frequentemente isso se deve à falta de ardor apostólico contagioso nas comunidades, pelo que estas não entusiasmam nem fascinam. Onde há vida, fervor, paixão de levar Cristo aos outros, surgem vocações genuínas” (n. 107).

A juventude olha com esperança para esse sínodo. A Igreja toda voltará sua atenção para os jovens. Que o Espírito inspire belas e proféticas orientações.

Conclusão

E agora?

Diante de juventudes que têm medo de morrer, de sobrar, de viver desconectadas...

Diante da geração nem/nem: nem estuda, nem trabalha, nem procura trabalho, que vai se tornar uma geração perdida, desempregada e sem perspectiva de futuro...

Diante do ateísmo crescente no mundo juvenil e do afastamento das religiões tradicionais, (9 milhões de católicos abandonaram a Igreja nos últimos dois anos, segundo pesquisa do Datafolha de 24 de dezembro de 2016)...

Diante do extermínio de jovens e do crescente número de suicídios no mundo juvenil...

Diante do desencanto com a política e os políticos...

Diante dos ambientes virtuais, “onde a rapidez da comunicação e a superação das distâncias geográficas tornam-se grandes atrativos, especialmente aos jovens” (DGAE 59)...

Queremos continuar caminhando com as palavras encorajadoras de papa Francisco ditas no dia 25 de julho de 2013, na JMJ do Rio de Janeiro:

Queridos jovens: se queremos que nossa vida tenha realmente sentido e plenitude, digo a cada um e a cada uma de vocês: “bote fé” e a vida terá um sabor novo, terá uma bússola que indica a direção; “bote esperança” e todos os seus dias serão iluminados e o seu horizonte já não será escuro, mas luminoso; “bote amor” e a sua existência será como uma casa construída sobre a rocha, o seu caminho será alegre, porque encontrará muitos amigos que caminham com você. “Bote fé”, “bote esperança”, “bote amor”.

Queremos continuar “em saída”, misericordiosos, indo às periferias, com a porta de nosso coração aberta, “de par em par”, como nos diz o papa Francisco na Carta Apostólica *Misericordia et Misera*: “Termina o Jubileu e fecha-se a Porta Santa. Mas a porta da misericórdia do nosso coração permanece sempre aberta de par em par”.

**Liturgia Diária
formato grande!**

- Letras maiores, facilitando a leitura
- Partes fixas da missa, leituras e orações
- Opções de orações eucarísticas

- Pistas para reflexão
- Círculo Bíblico aos domingos
- Cantos litúrgicos

Também na internet:
vidapastoral.com.br

* Aíla L. Pinheiro de Andrade, nj, é graduada em Filosofia e em Teologia. Cursou mestrado e doutorado em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE (MG). Atualmente, leciona na pós-graduação em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP. É autora do livro *Eis que faço novas todas as coisas – teologia apocalíptica* (Paulinas). E-mail: aylanj@gmail.com



Aíla L. Pinheiro de Andrade, nj*

São Pedro e São Paulo
2 de julho

Combateram o bom combate

Introdução Geral

A Igreja celebra o martírio de Pedro e Paulo na mesma data porque eles estiveram unidos no mesmo propósito: seguir Jesus até a morte. Ambos são alicerces vivos do edifício espiritual que é a Igreja. Pedro evangelizou os judeus; Paulo fez a mensagem de Jesus chegar às demais nações. A incessante pregação de ambos foi fecundada com o martírio. Eles dão provas de até que ponto pode ir o ser humano quando elege o projeto de Deus como opção de vida. Não foram pessoas apenas de palavras, mas testemunhas de que a fé remove as montanhas do egoísmo. O modo como viveram e como morreram questiona o comodismo de nossa fé.



II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mateus 16,13-19): as portas do inferno não vencerão

No evangelho de hoje, Jesus faz duas perguntas aos discípulos. Na primeira ele quer saber o que as pessoas em geral estão dizendo a respeito dele e, na segunda, o que os discípulos pensam sobre ele.

Com essas perguntas, parece que Jesus está fazendo uma pesquisa de opinião, para ver se a mensagem dele está sendo entendida pelo público. Ele está ocupado em construir, na consciência coletiva, a identidade dele, ou seja, quer estabelecer exata compreensão a respeito do Messias e, além disso, do tipo de Messias que ele é. Jesus faz essas perguntas aos discípulos porque sabe que da correta assimilação da identidade dele depende a correta compreensão de sua mensagem. Se alguém entende de forma errada quem é Jesus, compreenderá erroneamente a sua mensagem e terá uma práxis totalmente diferente da que ele espera.

Nas respostas dos discípulos à primeira pergunta, são explicitadas as diversas esperanças messiânicas de Israel.

Pedro toma a iniciativa de responder à pergunta feita aos discípulos sobre a identidade de Jesus. Mas é a comunidade dos discípulos, representada por Pedro, quem diz corretamente quem é Jesus e qual é sua missão. A resposta da comunidade representada por Pedro é uma profissão de fé no “Cristo, Filho do Deus vivo”.

Essa profissão de fé não é fruto da lógica e do esforço humano, mas é revelação divina, pois quem o revela à comunidade é o próprio Pai, que está no céu. Foi a abertura da comunidade à revelação divina que possibilitou reconhecer e confessar a fé no Cristo. E é sobre a fé confessada no Cristo, Filho do Deus vivo, que a Igreja é edificada. A expressão “esta pedra” refere-se à confissão de

fé e é um trocadilho com a palavra “Pedro”, por cujos lábios ela é pronunciada. O fundamento da Igreja é Jesus, pedra angular (Mt 21,42), confessado como Messias/Cristo pela comunidade de seus seguidores (são João Crisóstomo, Homilia XXI,1).

Porque a comunidade dos seguidores confessou a verdadeira identidade de Jesus como Messias/Cristo, pedra angular ou fundamento, ela recebeu “as chaves do Reino” (e não da Igreja). O termo “chaves” significa ter acesso e, nesse caso, remete a Is 22,22. Então, é tarefa da Igreja cuidar da obra divina não como um proprietário, pois o Reino é de Deus, mas como um mordomo ou despenseiro que cuida da casa de seu verdadeiro senhor, ao qual prestará contas de seu serviço. E cuidar do Reino significa fazer que ele cresça neste mundo.

Então a principal tarefa da comunidade dos discípulos de Jesus, a Igreja, é proporcionar o avanço do Reino dos Céus (ou de Deus). Esse avanço significa uma ofensiva a tudo que se constitui em antirreino (representado pelo termo “inferno”). “As portas”, naquela época como hoje, significavam o poder de defesa. Uma cidade (murada) com portas resistentes tinha grande poder de defesa numa batalha. “As portas do inferno não resistirão” significa que a comunidade dos discípulos de Jesus faz o Reino avançar contra o antirreino (o inferno), e por mais fortes que sejam os poderes de defesa (as portas) do inferno, eles não conseguirão resistir por muito tempo ao ataque da Igreja, a qual por fim verá o Reino vencer e ser instaurado plenamente. As portas do antirreino cairão ao final do ataque feito pela Igreja.

Em vista do avanço do Reino, uma das tarefas da Igreja é “ligar ou desligar”, mas isso não diz respeito a uma autoridade soberana do líder da Igreja. O sentido de “ligar ou desligar” refere-se ao âmbito da comunhão entre o fiel e a comunidade, ou melhor, ao sacramento da reconciliação. É precisamente no âmbito



do ministério da reconciliação que a Igreja exerce a tarefa de excluir oficialmente um membro da comunhão plena ou de readmiti-lo (reconciliá-lo), uma vez cumpridas certas condições. Desse modo, “ligar ou desligar” significa fundamentalmente a faculdade de perdoar os pecados, reconciliando o pecador com Deus, mediante a visibilidade do sacramento, impondo-lhes condições e obrigações que sejam o sinal da verdadeira conversão.

2. I leitura (Atos 12,1-11): Foi lançado na prisão

Na primeira leitura, Pedro é envolvido no mesmo destino de Jesus, primeiramente porque foi preso na festa dos pães sem fermento (a Páscoa). Além disso, o texto começa com a decisão do rei Herodes de tentar destruir a Igreja, prendendo e matando seus líderes. O rei deseja remover os pilares da casa para fazer a construção inteira ruir. A prisão de Pedro não é um fato isolado – na mesma época, Tiago (filho de Zebedeu) foi martirizado. O governante condena pessoas inocentes para garantir a própria popularidade, algo semelhante ao que foi feito a Jesus.

Os detalhes de como Pedro estava sendo guardado pelos soldados romanos apenas asseguram que uma fuga seria impossível. Enquanto Pedro estava preso, a Igreja reunida orava incessantemente, solidarizando-se com a situação dele, pois constituíam um só corpo no Senhor. E ao fervor da oração, Deus respondeu com a libertação. Na noite anterior ao dia em que Herodes apresentaria Pedro ao sinédrio para ser condenado, Deus agiu em resposta à oração da Igreja.

O texto enfatiza que Pedro dormia enquanto esperava o próprio julgamento e condenação. Pedro teve dificuldade de saber se o que estava acontecendo era real; isso significa que ele não esperava uma libertação. E se mesmo assim conseguia dormir, fazia-o porque confiava plenamente em Deus e estava preparado para morrer por sua fé. Enquanto

Pastoral da visitação Paróquia em estado permanente de missão

José Carlos Pereira



O meio mais eficaz de se proceder é realizar a evangelização permanente por meio de visitas missionárias constantes. O livro *Pastoral da visitação* responde a esse desafio apresentando estratégias concretas para as comunidades eclesiais, como a preparação de agentes para atuar na pastoral da visitação e um roteiro completo sobre ela.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



Pedro está sendo libertado, o texto faz questão de mencionar novamente que a prisão era de segurança máxima e, apesar de todas as precauções, Herodes não conseguiu o seu intento de destruir a Igreja.

3. II leitura (2Tm 4,6-8.17-18): Terminei minha carreira, guardei a fé

O texto da segunda leitura se refere ao momento em que Paulo estava preso e pensava que seria condenado à morte. Suas palavras não revelam nenhuma amargura, mas a serenidade de quem se abandonou nas mãos de Deus. O apóstolo estava pronto para ser imolado, isto é, estava à disposição para ser morto por causa do evangelho. Além disso, considera que a morte por causa do evangelho é aceita por Deus como verdadeira oferta ou sacrifício.

A vida do cristão é comparada a uma batalha e a um esporte de Olimpíada: “Combati o bom combate, terminei minha carreira” (v. 7), mas em tudo a fé saiu vitoriosa, faltava apenas subir ao pódio e receber a coroa de louros que confirmava a vitória. Isso significa que o apóstolo sabe que Deus não deixará sua morte sem resposta. A última palavra não é a morte, a última palavra é de Deus, que dá vida plena àqueles que nele se abandonam. A ressurreição não significa um prêmio, mas sim que Deus partilha a vida que lhe é própria (eterna) com aqueles que a ele doaram a vida humana e efêmera. A ressurreição é grande dom de Deus, e não simples troca de uma vida por outra. A vida que doamos a Deus em nada se compara à vida eterna que ele gratuitamente nos dá. Por isso não é um prêmio. A coroação de que o apóstolo fala significa que a última ação é de Deus e não do carrasco.

III. Pistas para reflexão

A prisão dos dois apóstolos atesta que somente é verdadeiro discípulo de Cristo

quem por ele enfrenta perseguições e martírios, mantendo a fé/fidelidade. Os exemplos de Pedro e de Paulo mostram que a Igreja não é edificada sobre pessoas, mas sobre a confissão de fé no Cristo ressuscitado e ressuscitador. Tal confissão de fé não é apenas um discurso de belas palavras, mas testemunho de vivência na fidelidade a Deus, custe o que custar, mesmo que seja a própria vida. Muitas pessoas se orgulham de que Cristo tenha entregado as chaves do Reino a Pedro e não se lembram de que as chaves significam serviço. Outras pessoas se ufam de que Pedro tenha recebido a missão de “ligar e desligar” e não sabem que o objetivo disso é manter a Igreja numa fé autêntica e operante no mundo.

É oportuno que o presidente da celebração peça orações pelo Santo Padre e que realce o empenho com que tem destacado a misericórdia do Pai, tão necessária à Igreja e ao mundo de hoje. Também é importante ficar claro que, mesmo quando Pedro é o padroeiro do lugar, a festa é também de São Paulo. Os dois são as colunas principais da Igreja.

14º DOMINGO DO TEMPO COMUM

9 de julho

O Senhor é bondade e mansidão

I. Introdução geral

Jesus é o revelador do Pai. O Deus que se revela através de Jesus é inaudito, não segue os padrões de rigidez preestabelecidos pela religião daquela época. Por isso os “sábios e entendidos” deste mundo não acolhem a revelação de Deus que Jesus lhes traz e rejeitam o enviado do Pai. Os pequenos, ao contrário, acolhem Jesus, porque se alegram no encontro com um Deus bondoso, misericordioso,



cheio de mansidão.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 11,25-30): manso e humilde de coração

Perante os sábios e entendidos, representados pelos orgulhosos galileus dos versículos da passagem anterior (Mt 11,20-24), estão os “pequenos” que acolheram a palavra de Jesus, o qual é a revelação da vontade do Pai. Os “sábios e entendidos” são os que organizam a vida segundo cálculos econômicos, padrões sociais e leis religiosas. Os “pequenos” são os simples, os pobres, os excluídos da sociedade e da religião. São aqueles capazes de compreender que é possível outro mundo, outra vida, outra humanidade. Estes são os que verdadeiramente “sabem”, os que obtêm um conhecimento superior em contato com o modo de viver de Jesus.

Essa passagem proclama a “inversão” evangélica, ou seja, a revelação do conhecimento supremo que se expressa no amor mútuo, na ternura, na acolhida ao outro. A verdade sobre Deus é compreendida pelo coração, ela é a verdade da vida a serviço do próximo e na acolhida do pecador.

A revelação que nos diz quem é Deus não é encontrada nas leis do mercado internacional, nem nos padrões sociais, nem na rigidez das normas religiosas. Mas está fundada na experiência de Jesus, que dialoga com Deus, como um Filho com seu Pai. Por isso Jesus dá graças ao Pai em gesto de admiração e louvor.

Jesus não é um mestre transmissor de uma lei que distancia as pessoas de Deus. A função fundamental de Jesus consiste em agir como revelador de Deus para as pessoas, por isso, ao falar de Deus, está falando de si mesmo. A vida de Jesus nos diz quem é o Pai. Jesus age à maneira do Pai. O Deus que se revela em Jesus não é um juiz implacável,

Por uma paróquia missionária

Gelson Luiz Mikuszka



176 págs.

A paróquia é célula viva da Igreja e lugar onde a maioria dos fiéis faz sua experiência eclesial com Cristo. Para que o papel evangelizador dessa grande e histórica instituição alcance cada vez mais êxito ao desempenhar seu papel evangelizador, foram reavivados, neste livro, alguns debates surgidos na Conferência de Aparecida, que desafiou a Igreja na América Latina a fazer de cada comunidade eclesial “um poderoso centro irradiador da vida”.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





mas um Pai cheio de mansidão e de bondade, misericordioso e fiel, pronto para tirar o jugo do pecado que pesa sobre nós e nos conceder a paz.

2. I leitura (Zc 9,9-10): o rei humilde vem a teu encontro

Era comum na Antiguidade que os reis fizessem um cortejo triunfal ao voltarem da guerra, exibindo pessoas e objetos como troféus de vitória. No texto de Zacarias, ao contrário, o cortejo real sem a pompa característica de sempre deixa claro que se trata de um rei humilde e pacífico que não imporá seu domínio através da guerra.

Nota-se a humildade do rei através da forma como ele vem montado, sobre um animal de carga, e não sobre o cavalo, como ostentavam os reis e monarcas da época. O cavalo era a montaria própria do rei que ia para a guerra, o jumento era usado quando se queria expressar um caráter amistoso.

Além disso, o texto de Zacarias afirma que o rei messias eliminará todo poderio militar e seu domínio difundirá a paz por toda a terra, entre todas as nações.

3. II leitura (Rm 8,9.11-13): viver em humildade

Nesse texto da segunda leitura, Paulo elenca as implicações da vida cristã. Se recebemos o Espírito Santo, é para viver na mesma dinâmica que Jesus viveu. Não é possível ser cristão e viver uma vida totalmente diferente daquilo que Jesus fez e ensinou. O apóstolo elenca que há dois modos diferentes de viver: conforme o espírito ou conforme a carne.

Há pessoas que colocam o foco de sua vida, ou seja, tomam suas decisões e fazem suas escolhas, tendo por meta a edificação do reino de Deus. Significa que, em tudo que fazem, dizem ou vivem, procuram fazer a vontade divina. De acordo com Paulo, essas pessoas vivem segundo o espírito,

pois visam ao que é definitivo, espiritual, verdadeiro.

Outras pessoas permitem que a direção de sua vida seja determinada por tudo que é efêmero, fugaz, relativo. Estas estão muito apegadas a tudo que é deste mundo, ao prazer, ao acúmulo de bens e à indiferença com relação à vontade de Deus.

Essas pessoas não estão interessadas na dimensão espiritual da vida; sua norma de conduta é tirar vantagem em tudo. Mesmo que se digam religiosas e frequentem a igreja, são pessoas carnis, no dizer do apóstolo. Pois viver segundo o espírito é viver em humildade, mansidão, na misericórdia e na acolhida ao outro, como Jesus nos ensinou.

III. Pistas para reflexão

Levar a comunidade a refletir sobre o significado de ser cristão.

Um verdadeiro discípulo de Cristo não é aquele que simplesmente vai à igreja, está engajado na paróquia e recebe os sacramentos. Ser cristão é muito mais que isso, é viver como Cristo viveu, é ser manso, humilde, misericordioso e bondoso à maneira de nosso Pai celeste, como nos foi mostrado por Jesus.

Lembrar que há pessoas que se sentem muito santas, justas e corretas e, no entanto, não exercem a misericórdia, revidam o mal com o mal, não praticam o perdão e constantemente julgam e condenam todos os que não vivem segundo seus critérios ou conforme sua noção de Deus como juiz implacável que se compraz em enviar os pecadores para o inferno.

Os batizados precisam ser evangelizados. Há muitos cristãos que desconhecem os verdadeiros ensinamentos de Cristo. Mesmo entre aqueles que são católicos desde longa data, há muita resistência em aceitar o amor do Pai misericordioso que se revelou na vida, nos atos e nas palavras de Jesus.



15º DOMINGO DO TEMPO COMUM
16 de julho

“A Palavra de Deus é viva e eficaz” (Hb 4,12)

I. Introdução geral

Continua o tema do domingo anterior, quando Jesus fez a distinção entre os “pequenos”, que entendem a revelação de Deus através dele, e os sábios, que não entendem. Os “sábios” não querem ver o que está claro, preferem sua cegueira. Este é o antigo escândalo, e é o escândalo moderno: muitos preferem não ver, porque estão muito focados em si mesmos, no poder, no dinheiro, nas vantagens pessoais, nas coisas triviais. No entanto, Deus faz a sua obra. A eficácia da palavra é irreversível. Pode haver atrasos, pode haver displicência, mas a palavra terminará por fazer acontecer o mundo vindouro. Porque é palavra divina, viva e eficaz, realiza uma obra divina que o ser humano não pode impedir que aconteça.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 13,1-23): quem acolhe a palavra produz muitos frutos

Jesus oferece sua palavra ao mundo; a semente é semeada em todo tipo de terreno. Sua palavra é a base da comunhão entre aqueles que se deixam transformar por Deus. Jesus dá a sua palavra a todos, mas, por várias razões, ela não é aceita por alguns.

Os que acolhem a palavra de Jesus não o fazem pela força de nenhum argumento racional, mas pela profundidade de um estilo de vida totalmente transformada, vivida a partir de outros valores.

Uma nova evangelização Pastoral de conjunto e pastorais orgânicas

João Bosco Oliveira e Aparecida de Fátima
Fonseca Oliveira



O escopo desta obra contempla um grande desafio: alcançar uma unidade e uma integração das pastorais, movimentos, associações e serviços eclesiais em um trabalho articulado com a diocese ou a paróquia. Nessa dinâmica, os autores colocam, além de um embasamento teórico, atividades e iniciativas para ajudar a compenetração das ações evangelizadoras, com base nas Sagradas Escrituras e no Magistério da Igreja.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





A citação do texto de Is 6,9-13 nos faz pensar sobre a situação daqueles que recusam a palavra de Deus, que é o próprio Jesus. Recusam-se a entender porque preferem sua mentira em vez da verdade de Deus. Tendo os olhos e ouvidos fechados, não aceitam o perdão que Deus lhes oferece por meio de Jesus. Mas não estamos falando sobre ateus, afinal os discípulos que ouviram a parábola do semeador também não a entenderam. Estamos falando de uma multidão de pessoas que se dizem religiosas, cristãs, e oferecem um terreno ruim para a boa semente plantada por Jesus porque se tornam desleais a Deus diante de qualquer perseguição, porque estão fascinadas pelas riquezas e ocupadas com o que é trivial, coisas próprias deste mundo. Não se trata, portanto, de ateísmo; trata-se de fé superficial que não produz frutos.

Quem acolhe a palavra produz frutos, porque ela é como a semente, possui uma força irreversível para frutificar. Produz frutos para o reino de Deus, que foi instaurado por Jesus e se plenificará no fim dos tempos. “Bem-aventurados, porém, os vossos olhos, porque veem; e os vossos ouvidos, porque ouvem” (v. 16). Quer dizer, bem-aventurado quem se abre para a obra que Jesus deseja fazer nos corações através de sua palavra. Basta desistirmos de ser cegos e veremos o que Deus está fazendo; basta que recusemos o fechamento dos ouvidos para ouvir a vontade de Deus para nós e para a época atual; basta que abramos o coração e ofertemos um bom terreno à semeadura de Jesus, e a palavra em nós produzirá seus frutos, e Deus curará nosso mundo da violência, da intolerância, da ganância e de todos os males que deixam nosso espírito enfermo.

2. I leitura (Is 55,10-11): a palavra de Deus é eficaz e fecundante como a chuva

Na época em que esse texto foi escrito, o povo da Bíblia estava muito decepcionado.

As profecias pareciam receitas mágicas para soluções de problemas, havia a promessa de que Deus os tiraria do exílio, mas a cada dia que passava isso parecia impossível. O povo estava cansado de ouvir promessas, estava impaciente, cheio de dúvidas, com crise de fé e desconfiança na palavra de Deus.

O profeta sabia que o povo passava por todas essas dúvidas e questionamentos porque não entendia o modo com o qual Deus agia. E garantia que a mensagem profética, ou seja, a palavra que saiu de Deus, teria resultados concretos. Nada escapa aos cuidados de Deus, e suas mais incompreensíveis decisões têm um sentido.

O profeta tinha consciência de que a palavra de Deus não é neutra e não pode ficar sem produzir efeito. Isso tem sido assim ao longo da história, a qual pode ser narrada à luz da presença profunda e onipotente da palavra de Deus, manifestada em tantas vidas humanas.

A comparação da palavra com a chuva foi muito oportuna porque fez os ouvintes daquele tempo pensarem na terra prometida: era uma região cheia de desertos, mas quando caíam as primeiras chuvas, brotavam pequenas flores coloridas em todos os lugares e ainda hoje acontece dessa forma. É impossível não notar esse fenômeno em Israel; da mesma forma, é impossível não notarmos a ação da palavra de Deus e sua eficácia.

3. II leitura (Rm 8,18-23): a semente do mundo novo espera por nascer

Essa passagem bíblica é sobre o mistério do Reino, do mundo novo que o evangelho veio nos trazer.

Não é onde se aprendem mais teorias que melhor se compreende o evangelho, mas onde a palavra de Deus, anunciada por Jesus, é aceita. Isto é, o poder de Cristo e do evangelho se mostra quando cada pessoa, livremente, se deixa transformar pelo amor gratuito de Deus. Quanto mais pessoas aderi-



rem, verdadeiramente e não superficialmente, a Jesus, mais o mundo se transforma e o reino de Deus se plenifica.

A recusa à palavra de Deus, que Jesus veio anunciar, deixa o mundo debaixo do pecado, ou seja, sob o poder do ódio, da intolerância, da exploração de pessoas e da natureza. O mundo inteiro fica enfermo, torna-se um lugar insuportável para viver.

Por isso, Paulo afirma que a criação inteira espera ansiosamente pela conversão, pela transformação dos corações, para que este mundo se torne um ambiente de fraternidade, de acolhida ao outro, de respeito e de cuidado dispensado às criaturas.

III. Pistas para reflexão

Ter presente na homilia que, no mundo atual, a maioria das pessoas desconfia da eficácia da palavra de Deus. Esse sentimento de desconfiança decorre de uma compreensão errônea sobre o modo como Deus age na história. As pessoas esperam que Deus lhes dê uma solução extraordinária e instantânea para seus problemas. Pois muitas vezes os discursos religiosos prometeram isso, e continuam prometendo. No entanto, a proposta de Deus, que foi assumida pelos profetas e, de modo pleno, por Jesus, é que a palavra se encarne na vida das pessoas, ou seja, no seu agir cotidiano.

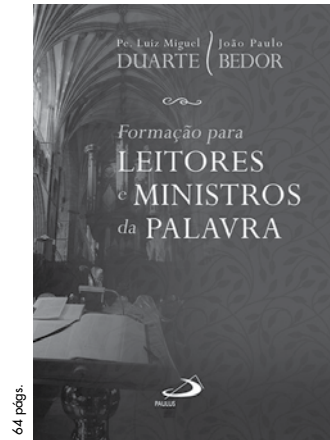
A vida de Jesus e a proposta do evangelho parecem loucura; por isso, muitos pensam que são cristãos, mas de fato não são, porque baseiam a própria vida em “valores” que são contrários aos ensinamentos de Jesus.

Somente aqueles que estão no caminho do amor podem entender o significado da cruz, da renúncia que, para o mundo, não faz sentido, porque a norma que move o mundo é o egoísmo.

A verdade do evangelho não é uma teoria neutra, abstrata, um conjunto de doutrinas vazias. A palavra do evangelho é uma força poderosa que exige compromisso de vida e

Formação para leitores e ministros da Palavra

Pe. Luiz Miguel Duarte e João Paulo Bedor



A Palavra do Senhor é inesgotável. Por isso, todos os fiéis, sobretudo os leitores e ministros da celebração da Palavra, são convidados a conhecer mais profundamente a Palavra de Deus e a celebrá-la de modo mais eficaz. Este subsídio quer introduzir leitores e ministros da celebração da Palavra no vasto e precioso mundo da Palavra de Deus a ser lida, meditada e celebrada.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





conversão contínua. Não há como ser cristão e ficar em cima do muro, servir ao Deus de Jesus Cristo e servir aos propósitos do mundo, como ganância pelo poder e pelas riquezas, na adesão ao ódio e à intolerância, na recusa de receber e dar perdão e misericórdia.

16º DOMINGO DO TEMPO COMUM
23 de julho

O Senhor é bom, clemente e fiel! (Sl 85,5)

I. Introdução geral

O evangelho de domingo passado apresentou o reino de Deus como uma sementeira. O evangelho de hoje desenvolve mais profundamente esse tema por meio de outras parábolas. O mundo é um campo misto, em que o trigo e o joio crescem; e é impossível discernir, neste mundo, onde está o trigo e onde está o joio, uma vez que estão bem misturados. Portanto, Deus nos chama à paciência enquanto nos esforçamos para ser o bom trigo que alimenta o mundo semente de Deus. Deus nos convida a perdoar, a não julgar, a não querer cortar o joio antes que a obra divina se plenifique no fim dos tempos. Cortar o joio é uma ação divina, não cabe a nós. Rejeitar pessoas, não as acolher porque são consideradas joio, é um disparate, pois o joio também está em nós.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 13,24-43): “Sois amor, paciência e perdão” (Sl 85,15)

Jesus nos pede paciência. Ele nos ensina, com a própria vida, que somos capazes de existir e de dar frutos num mundo plural, numa época em que o bem e o mal estão mis-

turados. Portanto, não devemos julgar prematuramente. Não devemos transformar o mundo num campo de batalha, cada um querendo eliminar o seu adversário. Certamente existe o joio, mas não é possível traçar uma linha no chão e dizer “deste lado está o bem e do lado de lá está o mal”. O joio está tão misturado com o trigo, que se encontra também em nós. Somente no fim dos tempos Cristo poderá separar o joio do trigo.

Por enquanto, permanece o mundo paradoxal. O texto mostra que há uma oposição entre duas sementes, dois semeadores, entre o tamanho da semente e o tamanho da horta e entre a quantidade de fermento e a quantidade da massa. As oposições convivem no mundo. Os servos do dono da casa querem antecipar o juízo dentro da história, destruindo o joio à força. Esta é a tentação de nosso momento histórico, queremos eliminar as oposições pela força da violência contra o outro que temos por adversário.

Cristo, ao contrário, não entende o mundo como um campo de batalha e deixa a sua semente crescer e amadurecer no meio do joio. O joio deve ser respeitado. Um mundo onde só existe o trigo é outro tipo de mundo, no qual se vive plenamente o amor. Se formos intolerantes com as pessoas, se não as acolhermos, isso mostra que o joio está em nós, porque não estamos produzindo frutos de amor, mas de violência velada e sutil. E violência é fruto do joio semeado no coração.

Os verdadeiros cristãos são um número pequeno, são como a mostarda e o fermento, mas como a força do trigo é o amor, esses poucos e verdadeiros cristãos fazem com que este mundo caminhe para uma plenitude. Enquanto não chega o fim dos tempos, devemos agir como Deus age, sendo “amor, paciência e perdão” nas nossas convivências cotidianas, esperando a hora em que a separação entre o trigo e o joio finalmente aconteça.



2. I leitura (Sb 12,13.16-19): o Senhor concede o perdão aos pecadores

Deus é o Senhor absoluto de todas as criaturas e não há outro Deus: essa é a afirmação bíblica do monoteísmo. Apesar de sua onipotência, ele prefere agir com misericórdia em relação às suas criaturas. O domínio de Deus sobre as criaturas estende o amor dele sobre todos os seres, com especial atenção ao ser humano, mais digno de misericórdia porque é o único que peca. Isso não significa que Deus não é justo, mas que nele se harmonizam misericórdia e justiça.

Todas as ações dos seres humanos são transparentes aos olhos de Deus, por isso ele não se engana quando age em relação a eles. E em todas as ações divinas estão presentes a justiça e a misericórdia.

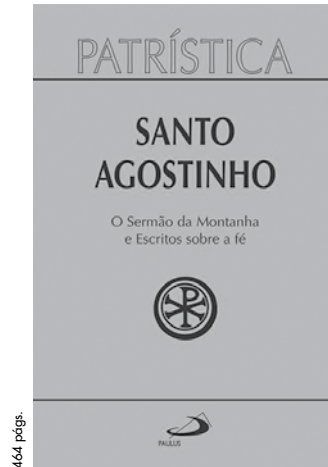
O modo como Deus age em relação aos incrédulos e aos pecadores leva o autor do livro da Sabedoria a tirar uma dupla conclusão. Primeiramente, se Deus agiu com misericórdia para com aqueles que o rejeitam, tanto mais fará um julgamento misericordioso para com o povo escolhido. Em segundo lugar, Israel deve agir para com todos os povos, igualmente, com misericórdia, a exemplo de Deus, misericordioso e compassivo.

Ao levar a sério o monoteísmo, Israel teve uma lição de humanismo, teve de ir além da lei do “olho por olho”. Isso preparou o povo para a revelação do Novo Testamento sobre o amor aos inimigos. O texto do livro da Sabedoria também sugere que a salvação é para todos os povos, e isso prepara o anúncio da salvação universal feita pela Igreja primitiva.

Contudo, o mais importante nesse texto da segunda leitura é a noção sobre o agir de Deus na história, não apenas em favor de Israel, mas também dos povos incrédulos e pecadores. A ação divina visa à integração do pecador na comunidade dos que estão sendo santificados. Mesmo quando as pessoas praticam o mal, a indulgência de Deus não as trata como mere-

O Sermão da Montanha e Escritos sobre a Fé

Santo Agostinho



464 págs.

Nas obras que integram este volume, Agostinho revela seu grande conhecimento e amor pela Palavra de Deus, a fineza de observação, a penetração psicológica, a descoberta interior e o sentido da graça evangélica que unifica o ser humano.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



cem. Pois a justiça de Deus é pedagógica, não visa à condenação eterna, mas à correção do ser humano, para que viva a plenitude para a qual foi criado com amor.

3. II leitura (Rm 8,26-27): “O Espírito vem em socorro da nossa fraqueza” (v. 26)

A segunda leitura objetiva, primeiramente, assegurar que a salvação não é obra humana; é um dom de Deus por amor aos pecadores. A salvação nos vem por intermédio de Jesus Cristo, e a santificação, pelo Espírito Santo. A santificação é realizada ao longo de nossa existência numa configuração de nossa vida ao modo como Cristo viveu, ou seja, fazendo a vontade de Deus.

Mas é difícil ajustarmo-nos à vontade divina; em muitos momentos da vida, nem mesmo a sabemos discernir. Não sabemos sequer o que pedir a Deus, e muitas vezes, sem saber, insistimos com ele para que nos conceda algo que poderá ser prejudicial a nós ou aos outros. Somos como bebês que tentam se comunicar sem ainda poder articular palavras compreensíveis, que fazem sons sem sentido como reação às palavras, olhares e carinhos dos adultos. O Espírito Santo, em nós, faz a mediação, transmitindo ao Pai o que não conseguimos expressar devido à nossa pequenez, à nossa fragilidade.

No domingo passado, Paulo havia afirmado que a criação inteira geme. Na leitura de hoje, afirma que os cristãos gemem e que também o Espírito Santo geme. Isso significa que os cristãos são tão frágeis quanto o restante da criação. O Espírito se faz solidário a nós, não tira a nossa fraqueza, mas nos ajuda em nossa debilidade. Sem a ajuda do Espírito Santo, não saberíamos sequer o que dizer a Deus em nossas orações. Mesmo quando pensamos que sabemos o que devemos pedir, podemos estar totalmente equivocados.

O dom do Espírito Santo é a prova de que Deus cuida de nós em todos os sentidos.

Em tudo ele quer nos auxiliar, até mesmo em nos ajudar a acolher o dom da salvação que nos é oferecido. Pois é o Espírito Santo que permite ao ser humano receber o dom da salvação e o ajuda a viver na fidelidade à tão grande graça que lhe é ofertada.

III. Pistas para reflexão

Enfocar na homilia que o reino de Deus não vem de modo esplêndido, extraordinário, com fenômenos apocalípticos. Em sintonia com a mensagem de Jesus, o Reino vai sendo edificado de maneira oculta, como um grão de mostarda, quase invisível no meio da terra, em meio a uma pequena horta, ou como um pouco de fermento na massa do bolo. Imagens do cotidiano são usadas por Jesus para simbolizar o Reino que se edifica a partir de ações do nosso dia a dia, no amor, na misericórdia, na paciência e no perdão para com os semelhantes, na intercessão pelos pecadores, no cuidado disponibilizado a quem precisa. E, principalmente, na docilidade ao Espírito Santo, que nos auxilia a ter uma vida de oração e a orar corretamente.

17º DOMINGO DO TEMPO COMUM
30 de julho

Vossa vontade vale mais que ouro e prata (Sl 118,72)

I. Introdução geral

As leituras de hoje nos falam sobre a prioridade fundamental em nossa vida, o reino de Deus. Esse aspecto é muito atual, porque nossa época revela uma crise de valores. Todos os dias vemos, nos meios de comunicação, uma verdadeira batalha para vender ideologias, que vão desde fórmulas para ema-



grecimento instantâneo até milagres e exorcismos. Isso mostra quanto estamos acostumados a colocar em primeiro lugar, em nossa vida, os interesses particulares e egoístas. As leituras de hoje nos exortam a saber distinguir o verdadeiro do falso, a discernir os valores e a acolher o valor mais alto que deve sobrepor-se a todos: a vontade de Deus a ser praticada em nosso cotidiano.

Santo Inácio de Loyola nos orienta que o ser humano deve usar de tudo que possa ajudá-lo a atingir a “finalidade para a qual foi criado”, que é sua salvação, e, da mesma forma, deve desvencilhar-se de tudo que o impede de alcançá-las (*Exercícios Espirituais*, n.23).

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 13,44-52): o reino de Deus é como um tesouro, uma pérola

Na parábola narrada por Jesus, o reino de Deus aparece como o maior de todos os tesouros, a joia mais rara, que todos deveriam querer para si e fazer todas as renúncias para conseguir. Além disso, o reino de Deus é um dom que todos podem encontrar, pois nos foi legado por Jesus.

As duas parábolas, a saber, a do tesouro e a da pérola, nos colocam diante do máximo valor, mas, ao mesmo tempo, exigem de nós o maior desprendimento: há que deixar algo por ele, há que renunciar a tudo para conseguir o tesouro e para obter a pérola. É um paradoxo; sendo puro dom, contudo, exige uma opção radical.

O Reino é tarefa e compromisso, um caminho e um modo de viver. O Reino se identifica com o modo de viver de Jesus, pois é compromisso de amor, de acolhida e de misericórdia e justiça. É a presença de Deus no interior do ser humano, que se traduz em gesto de amor para com todos. O Reino implica uma escolha radical, de tal forma que nada deve nos impedir de parti-

Mulheres à frente de seu tempo Histórias de Santas

Vr. Aa.



120 págs.

Vinte e três retratos de santas – Isabel, Petronila, Cecília, Inês, Catarina de Alexandria, Martinha, Ágata, Luzia, Clotilde, Clara de Assis, Rosa, rainha Isabel, Brígida, Catarina de Sena, Rita, Francisca Romana, Joana d’Arc, Teresa de Ávila, Madalena de Canossa, Francisca Cabrini, Bakhita, Teresa de Lisieux, Teresa Benedita da Cruz – oferecem um afresco extraordinário e inesperado de coragem, liberdade e autonomia.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





cipar dele. E supõe que se tenha deixado tudo para seguir Jesus.

2. I leitura (1Rs 3,5. 7-12): vossa sabedoria, ó Senhor, vale mais que as riquezas

Os reis dos povos antigos pediam a seus deuses vida longa, segurança nacional, exército invencível, prosperidade e um poder duradouro. Também os reis de Israel pediam ao Deus da aliança vida longa, preferencialmente, além da derrota dos inimigos e riquezas; e tudo isso esperavam do Senhor, pois em nome de Deus governavam o povo eleito.

Nessa primeira leitura, Salomão fez a Deus um pedido discreto e criterioso: pediu sabedoria para discernir, para saber conciliar e fazer justiça. Ou seja, Salomão escolheu pedir os dons mais essenciais para liderar corre-

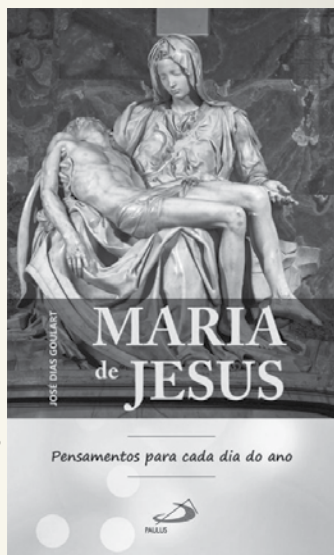
tamente seu povo. Ele soube reconhecer os valores mais elevados que as riquezas ou a derrota de seus inimigos.

Salomão sabia que, perante as coisas deste mundo, ele era um instrumento de Deus, um intermediário através do qual Deus agia em relação ao povo eleito. E para saber como se posicionar diante de todas as coisas sem deixar de ser fiel à vontade de Deus, fazia-se necessário ter sabedoria para bem se conduzir na vida.

Salomão foi elogiado por Deus porque soube discernir o que é mais precioso para quem tem fé.

3. II leitura (Rm 8,28-30): o Senhor é nossa herança, ele nos criou por amor

A segunda leitura afirma que somos predeterminados. O que isso significa? Ao escrever isso,



Maria de Jesus Pensamentos para cada dia do ano José Dias Goulart

Neste livro você encontrará pensamentos que vão alimentar a sua fé diariamente. São versos breves sobre os momentos de nossa fé, um convite para meditar no mistério e um breve opúsculo, para acrescentar algum pensamento ou verso pessoal. Viva cada um dos 365 dias do ano com Maria!

VENDAS:
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Paulo tem em mente que, desde toda a eternidade, Deus tem um projeto de amor, a saber, a salvação do ser humano. Significa que a salvação do ser humano está prevista nos planos de Deus desde sempre; é nesse sentido que somos predestinados, ou seja, no sentido de que isso estava previsto, faz parte do plano divino.

Santo Inácio de Loyola nos diz que fazer a redenção humana é uma decisão das Três Pessoas Divinas (*Exercícios Espirituais*, n. 107). A redenção ou salvação faz parte do amor de Deus pelo ser humano, amor gratuito e incondicional que está aberto a todos, e não restrito a um grupo seleto de pessoas.

A salvação prevista no plano de Deus não é algo abstrato, mas significa que quem aderir a Jesus, vivendo como ele viveu, identifica-se com ele e, por isso, liberta-se do egoísmo e do pecado. Para isso, o Espírito Santo vem em nosso auxílio em todas as circunstâncias da vida, e, por isso, tudo concorre para o nosso bem.

Dizer que “tudo concorre para o bem dos que amam a Deus” (v. 28) não é no sentido de que tudo vai dar certo, que nada de ruim vai nos atingir e que seremos blindados contra os dissabores da vida, como muitos pregam hoje em dia. Significa que Deus fará com que todas as circunstâncias, inclusive as coisas ruins que nos acontecem, concorram para a nossa santificação. Tudo o que nos acontece fica submetido à finalidade principal de nossa vida, que é a salvação e a participação no reino de Deus, para as quais fomos criados.

As coisas ruins que nos acontecem devem servir para nos ajudar no caminho da santificação, porque nada que nos acontece poderá mudar o projeto de Deus que é nos levar à plenitude do Reino. Mas tudo isso exige sabedoria para colocar em primeiro lugar o reino de Deus, o verdadeiro valor de nossa existência.

III. Pistas para reflexão

A homilia deve despertar na assembleia a importância de saber escolher e de valorizar

O Apocalipse siríaco de Daniel

Marcus Vinicius Ramos



120 págs.

O Apocalipse siríaco de Daniel é um pouco conhecido pseudoepígrafo cristão posterior ao século VII. Nesta edição, o leitor encontrará, além do texto integral do Apocalipse siríaco de Daniel, uma introdução e um comentário ao texto.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



o que realmente é importante. Saber que nossa melhor escolha é por Deus e pelo seu reino de justiça, misericórdia e paz. Que Deus é nosso maior bem; ele está conosco e cuida de nós. Seu Espírito nos envolve e transforma tudo que nos rodeia num bem para nossa santificação.

Ser cristão não é pertencer a uma elite predestinada de vencedores que não passam por nenhum desconforto, incômodo, problema ou sofrimento. Ser cristão é optar por Cristo e pelo seu estilo de vida, que pode nos levar à cruz. Contudo, não ficaremos desamparados nem abandonados. Deus cuida de nós, e o Espírito Santo transforma tudo que nos acontece em motivo de plenificação de nossa vocação à santidade. Sofremos, mas somos felizes porque Deus está conosco; pior é sofrer sem ter o conhecimento do amor de Deus.

TRANSFIGURAÇÃO DO SENHOR

6 de agosto

Transfigurou-se diante deles (Mt 17,2)

I. Introdução geral

As leituras deste domingo destacam a transfiguração de Jesus como prefiguração de sua ressurreição. Mas a experiência que os discípulos fizeram com Jesus, Moisés e Elias não está desvinculada do caminho para a cruz. A manifestação do Cristo transfigurado plenificando a missão de Israel (ali representado por Moisés e Elias) não tem sentido sem o desfecho da cruz e sem o chamado divino aos discípulos para escutarem Jesus. Crucifixão e transfiguração se complementam mutuamente, pois somente quando nos desvencilhamos de tudo que nos impede a caminhada e subimos o monte é que podemos entender a voz de Deus, que

nos convida a levar a sério o que Jesus nos diz através da própria vida e a seguir o mesmo caminho que ele seguiu, a *via crucis* que leva à ressurreição.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 17,1-9): “Suas roupas ficaram alvas como a luz” (Mt 17,2)

Os discípulos, Moisés e Elias estão presentes com Jesus no monte da transfiguração. Moisés e Elias são os principais representantes da fé israelita, quer dizer, a Lei (Pentateuco) e os profetas, assinalando que o caminho de Jesus – rejeitado pelos líderes religiosos de Israel como perigoso para a identidade e esperança do povo – cumpre tudo que a Escritura afirmava do Messias. Os discípulos representam a comunidade de Jesus em todas as épocas. Eles serão os mensageiros da experiência de ressurreição, aberta a todos os povos da terra, experiência prefigurada na transfiguração.

A revelação acontecida no monte da transfiguração mostra que Jesus não se identifica com Elias, como alguns supunham, nem com Moisés. Jesus é o Messias, o Filho de Deus que cumpre e plenifica as funções de Moisés e de Elias, os grandes vocacionados do povo da aliança.

Como a lei judaica exige sempre o testemunho de duas pessoas para que as palavras e as ações de alguém tenham crédito, temos aqui Moisés e Elias, personagens do passado de Israel, oferecendo seu testemunho sobre Jesus. Além deles, temos a voz divina que identifica Jesus como Filho de Deus, muito maior que os personagens do Antigo Testamento pelos quais Deus havia se revelado no passado. Na transfiguração, Jesus aparece como a revelação definitiva de Deus.

Mas o texto aponta também para o futuro, pois evoca uma experiência de ressurreição. A glória de Deus que brilha em Jesus



não apenas plenifica o caminho de Israel, mas insere os discípulos, ou seja, a Igreja, no caminho de entrega da vida que Jesus fez na cruz. Nesse momento, a voz divina os chamou para participar da ressurreição; nesse evento, eles foram convocados a ser testemunhas do Ressuscitado, mas não sem a entrega da vida e o serviço ao próximo.

A transfiguração é apenas uma prefiguração, não uma experiência pascal completa, porque Jesus ainda não havia passado pela cruz. Para que a transfiguração fosse completa, os discípulos foram convidados a tomar o caminho da entrega da vida, que culminaria na autêntica Páscoa. Por isso não lhes foi permitido fazer as três tendas; eles necessitavam descer o monte e doar a vida. O desejo dos discípulos de ficar ali para sempre, numa glorificação antecipada, sem cruz, não pôde se cumprir enquanto tantas pessoas ainda sofriam na terra.

O desejo de glória, de um discipulado sem sofrimento, não passa de um sonho. A voz de Deus os desperta e convida a escutar Jesus, quer dizer, a seguir o caminho concreto da morte pelo reino de Deus.

A nuvem no monte representa o novo e definitivo Sinai, sinal da plenitude da vocação de Israel e do início da missão da Igreja, a qual doravante testemunhará, ao longo da história, que o caminho da entrega do Filho de Deus na cruz pela humanidade é um caminho de glória, que a morte não tem a última palavra e que, portanto, todo aquele que aceita o convite de Deus participa tanto da cruz quanto da ressurreição de Jesus.

2. I leitura (Dn 7,9-10.13-14): “Sua veste era branca como a neve” (Dn 7,9)

O trecho da primeira leitura está inserido num contexto literário no qual o autor se mostra decepcionado com a forma como o poder é exercido na terra: há muita opressão e violência promovidas, principalmente, pe-

Um novo clima para a teologia Deus, o mundo e o aquecimento global

Sallie McFague



É profunda e ampla a recente advertência sobre a ameaça das mudanças climáticas, consubstanciada no relatório 2007 do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas das Nações Unidas. O choque causado pela constatação de que o nosso estilo de vida consumista de energia está levando a Terra a uma possível catástrofe é um sinal de alerta.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





los governantes. Então Daniel tem uma visão consoladora: os poderes políticos da terra não têm a última palavra; a opressão e a violência cederão espaço ao reino de Deus.

Daniel mostra que os reinos terrenos se contrapõem ao reino de Deus, mas todos deverão prestar contas ao justo juiz. Os violentos não permanecerão para sempre fazendo a violência, seu poder passa, somente o reino de Deus jamais terá fim. Os poderes opressores perderão a hegemonia, seu fim já está assinado, as forças que se contrapõem a Deus e fazem deste mundo um ambiente feio e hostil ao bem serão submetidas ao poder do Filho do Homem, que age em nome de Deus.

O Filho do Homem é verdadeiramente humano, mas sua origem é divina, pois ele vem sobre as nuvens do céu. E vem para inaugurar um reino diferente que conduz a história da humanidade à sua plenitude, fazendo com que o bem, a justiça e o amor sejam as cores que pintam o novo mundo belo e agradável a Deus, um mundo transfigurado.

3. II leitura (2Pd 1,16-19): “Como lâmpada que brilha no escuro” (2Pd 1,19)

Nessa leitura, a segunda carta de Pedro faz uma alusão ao relato evangélico da transfiguração do Senhor. Ao retomar a narrativa da transfiguração, o texto petrino deseja incutir a fé na volta de Jesus, sua segunda vinda em glória. A transfiguração seria uma prefiguração da glória com a qual o Senhor está revestido e será manifestado no fim dos tempos. Cristo virá não mais como um servo, um humilde carpinteiro de Nazaré, mas aparecerá com a mesma glória com a qual foi visto pelos apóstolos no monte da transfiguração.

Os apóstolos dão testemunho de que viram o Cristo transfigurado e se reconhecem portadores de uma graça muito maior que a dos profetas, porque ouviram a voz celeste que revelava Jesus como Filho de Deus. Portanto, o testemunho dos apóstolos sobre a

transfiguração deve sustentar a fé e a esperança de que Cristo voltará uma segunda vez.

Na transfiguração, Jesus já mostrou aos apóstolos os aspectos essenciais que se manifestarão em plenitude na sua segunda vinda: majestade, honra e glória recebidas do Pai. Isso deve manter acesa a chama da esperança num mundo melhor. As dores, sofrimentos e problemas pelos quais passamos agora não existirão para sempre. O Cristo transfigurado é a prova de que a glória de Deus supera tudo isso.

III. Pistas para reflexão

A homilia deve destacar que a transfiguração significa que na vida humana de Jesus já se pode ver a glória de Deus. Jesus transfigurado não é um anjo distante da terra; é o nazareno, que iniciou um caminho de doação da vida a serviço de todos e, principalmente, dos mais sofridos – doação que terá seu ápice na cruz. O episódio das vestes resplandecentes no monte não é uma negação da cruz. Ao contrário, a transfiguração é a expressão do sentido salvífico da cruz. A transfiguração somente pode ser compreendida no horizonte da entrega, da renúncia feita por Jesus ao longo da vida. Não existe um Cristo glorioso sem que haja um Jesus crucificado. A transfiguração serve de apoio para a espera da volta de Jesus. Serve para manter acesa a chama da esperança quando passamos pelas cruces dolorosas. Como na recitação do rosário, os mistérios gloriosos vêm depois dos mistérios dolorosos.

19º DOMINGO DO TEMPO COMUM

13 de agosto

Vinde ao encontro do Senhor

I. Introdução geral

As leituras deste domingo nos exortam a enfrentar o mar bravio da vida, superando o



medo e abrindo caminho sobre as águas ameaçadoras de uma época difícil: intolerância, ganância, relativismo, injustiça, insensibilidade etc. Para caminharmos com Jesus sobre as águas, temos de estar dispostos a conduzir nossa vida no mesmo estilo da vida de Jesus. Quem não estiver disposto a morrer para o próprio egoísmo não conseguirá caminhar sobre as águas.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 14,22-33): “Jesus disse: Vem!” (Mt 14,29)

Jesus estava orando sobre o monte enquanto o barco com os discípulos quase afundou no temporal. Desde os primeiros séculos, esse barco foi comparado à Igreja, porque nele estavam os seguidores de Jesus. Pode, também, representar a humanidade inteira. No barco da Igreja e da humanidade, todos nós somos ameaçados pelos acontecimentos, que são como uma violenta tempestade. Mas Jesus nos diz: “Coragem! Não tenhais medo!”.

Pedro nos representa, porque também nós duvidamos da presença do Cristo ressuscitado, e propõe: “Senhor, se és tu, manda-me ir ao teu encontro, caminhando sobre a água”. E Jesus diz: “Vem!”. Pedro necessita de uma prova que lhe dê segurança, por isso se arrisca. Mas, como era de esperar, ele tem medo, pois a travessia da vida é difícil, ameaçada pelas ondas imensas. E o discípulo grita. Mas Jesus segura a mão dele e o leva de novo para o barco, para que ali se sinta seguro, com os demais companheiros.

Pedro quis sair do meio dos discípulos para andar com Jesus, mas a situação dele piorou e Jesus o trouxe de volta para que participasse, no barco, da mesma sorte que os demais. No barco da humanidade e da Igreja, todos nós nos sentimos ameaçados, mas é quando estamos navegando no mesmo barco que Jesus acalma a tempestade. Por isso o Senhor que diz “Vem!” é o mesmo que nos de-

Rezar os Salmos hoje A lei orante do povo de Deus

Carlos Mesters, Francisco Orofino e Lúcia Weiler



Os Salmos nasceram da vida, e é nas experiências concretas da vida de cada dia que encontramos a chave principal para abrir a porta que nos permite entrar neles. O objetivo deste livro é ajudar a rezar os Salmos como o prato de cada dia, pois a oração dos Salmos nos leva em direção a Deus. Afinal, rezar os Salmos é rezar a Deus com a Palavra de Deus.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



PAULUS



volve ao barco, porque fora do barco não é possível enfrentar as ondas. E Jesus quer participar da nossa sorte no barco; é dali que ele acalma a tempestade, fazendo-nos capazes de atravessar o mar violento.

Jesus disse a Pedro: “Homem fraco na fé, por que duvidaste?”. Parece-nos que Pedro duvidou mais de si mesmo que de Jesus. Esse Pedro que duvida e grita é sinal da Igreja inteira. Todos nós somos Pedro, caminhando sobre as águas com medo de afundar. Mas sabemos que, embora pensemos que o barco, da humanidade e da Igreja, está abandonado e perdido no mar hostil de nossa época, Jesus tem estado conosco de um modo misterioso, e podemos percebê-lo dominando a noite e a tempestade.

2. I leitura (1Rs 19,9a.11-13): vinde à Montanha do Senhor

Na primeira leitura, temos o encontro de Elias com Deus no monte. Perseguido pela rainha, Elias caminhou deserto adentro, fazendo o mesmo percurso que as tribos fizeram no passado. Elias faz esse caminho em sentido inverso, vai da terra prometida para o deserto, porque o povo está andando em sentido contrário ao compromisso firmado com Deus no tempo de Moisés. O povo prometeu fidelidade, mas afogou-se no mar da idolatria. Por isto Elias vai até o monte: ele quer ir ao lugar do compromisso inicial do povo com Deus; ele deseja voltar às raízes da aliança.

Séculos antes de Elias, Deus havia se manifestado a Moisés através de vários elementos da natureza: vento impetuoso, terremoto e fogo (Ex 19,16-18) – era dessa forma que se manifestava o poder de Deus. E Elias espera encontrar Deus nesses fenômenos que amedrontam o ser humano ainda hoje. Mas o Senhor acalma os fenômenos da natureza e se manifesta a Elias na suavidade de uma brisa.

O texto nos exorta a procurar Deus na simplicidade. As tempestades do mundo nos rodeiam furiosamente, mas Deus age no silêncio, e não em eventos espetaculares. O Se-

nhor se revela na intimidade dos corações e acalma toda a agitação de nossa vida moderna, que nos coloca a todo instante à mercê da infidelidade ao projeto de Deus.

3. II leitura (Rm 9,1-5): “Deus bendito para sempre” (Rm 9,5)

A segunda leitura nos esclarece mais ainda a respeito da infidelidade do povo da aliança a seu Deus: a não aceitação da vinda do Messias, Jesus de Nazaré. Paulo mostra-se preocupado com seu povo, que rejeitou Jesus, pois, fazendo assim, o povo da aliança rejeitou o próprio Deus, que na sua bondade ofereceu gratuitamente a salvação a todos os povos.

Paulo está consciente do grande valor de Israel: as alianças, as leis, o culto, as promessas, os patriarcas e também o Messias, nós os herdamos dos hebreus. Paulo diz que está disposto a tudo para que Israel aceite Jesus como enviado de Deus. A recusa de Israel a Jesus ocupa as preocupações do Apóstolo. Mas Paulo consola-se porque o convite de Jesus a Israel continua aberto. O Deus bondoso, eternamente fiel a Israel quando, ao longo da história, este se mostrou infiel à aliança, agirá com misericórdia para com seu povo.

Nós, cristãos, quando lemos a Bíblia, sempre nos sentimos povo de Deus, assumimos tudo que se diz sobre Israel, então podemos pensar que, embora no tempo de Elias e em outros momentos da história tenhamos sido infiéis à nossa aliança com Deus, o Senhor é fiel a nós e podemos contar com a misericórdia dele.

III. Pistas para reflexão

O foco da homilia deve ser o encontro com Deus. O Senhor é encontrado na humildade, na simplicidade, na interioridade. Fora de nós e dentro de nós há uma tempestade violenta que nos mete medo; pensamos que vamos afundar diante de tantos acontecimentos surpreendentes. Contudo, a comunidade do Reino não está sozinha, à mercê das



forças poderosas da noite e da tempestade. Elias não está abandonado, Pedro pode gritar por Jesus e segurar na mão dele, Paulo pode ter esperança na misericórdia divina. Porque Deus lhes revela o seu rosto de amor e de bondade, tem uma proposta de salvação oferecida a todos por meio de Jesus Cristo. Por isso, a comunidade celebrante deve ser convidada a estar atenta às manifestações de Deus e a não perder as oportunidades de salvação que ele oferece.

ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA

20 de agosto

Um grande sinal

I. Introdução geral

A festa da Assunção de Maria é a festa da assunção da Igreja. Maria colabora com o mistério da redenção associando-se a seu Filho (LG 56). Sua assunção é figura do que acontecerá com todos os seguidores de Jesus, ou seja, com a Igreja, no fim dos tempos. Porque Maria não é apenas a imagem (o reflexo), mas também a imagem típica (o protótipo) da Igreja, esta deve ser o que Maria é. E enquanto peregrina neste mundo, a Igreja tem Maria como um sinal “até que chegue o Dia do Senhor” (LG 68). O que celebramos na festa de hoje é a vitória de Cristo sobre todos os poderes que tentam impedir o Reino de Deus de progredir no mundo. Tendo Maria como sinal, celebramos a vitória da Igreja inteira sobre a morte e o pecado.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Lc 1,39-56): “Bendita és tu entre as mulheres” (Lc 1,42)

Esse trecho do evangelho está vinculado ao texto da anunciação, como seu desenvolvimento. Ao ouvir a mensagem do anjo Gabriel em relação à encarnação do Filho de Deus, tendo como sinal a gravidez de Isabel,

CD A Palavra se fez carne Refrães orantes para Advento e Natal

PAULUS Música



Este é o primeiro CD de refrães orantes específico para o Advento e Natal, como mais uma proposta de vivência e participação deste Tempo Litúrgico. Os refrães orantes, envolventes e em harmonia com o mistério celebrado, são baseados nos evangelhos dominicais do Tempo do Advento (anos A-B-C), como também das solenidades do Natal, Mãe de Deus e Epifania e da festa do Batismo do Senhor.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Maria se dirige prontamente para a região montanhosa.

A conexão entre esses trechos nos aponta duas verdades sobre Maria: sua fé e seu compromisso com o Reino. A partir da fé que ela demonstra na Palavra de Deus, temos em Maria a verdadeira discípula, que ouve a Palavra e a põe em prática. A fé na Palavra de Deus gera compromisso, que leva o discípulo a realizar na vida o que ouviu. É o que Maria nos mostra com seu exemplo.

Maria é exemplo de discípula para quem acredita no cumprimento das promessas de Deus, porque ela mesma está à disposição de Deus para servi-lo como instrumento dócil. Foi isso o que aconteceu quando disse: “Eis a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra” (1,38). E, imediatamente, saiu para visitar sua prima. Ao chegar, foi saudada por Isabel, e algo de revelador aconteceu. O teor da saudação diz respeito a duas realidades. A primeira refere-se à atitude crente de Maria. Ela é bendita porque acreditou. Aqui é exaltada sua fé. Foi sua total adesão à Palavra de Deus que operou um milagre em sua vida e na vida da humanidade: a encarnação do Filho de Deus. Daqui passamos para a outra realidade da saudação: “e bendito é o fruto do teu ventre!”. Maria, que carrega no útero o Filho de Deus, é identificada com a Arca da Aliança. No Antigo Testamento, a Arca da Aliança era símbolo do encontro entre Deus e a humanidade. No útero de Maria, dá-se o encontro entre Deus e a humanidade, pois Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Maria representa a Igreja que se compromete com o Reino, pela fé na Palavra de Deus e pela exigência de gerar o Cristo para o mundo através do anúncio, do testemunho e do serviço.

2. I leitura (Ap 11,19a; 12,1.3-6a.10ab): estava grávida, em dores de parto

A principal personagem que aparece no grande sinal do céu não tem sua identidade

imediatamente revelada pelo livro do Apocalipse; ela é chamada apenas de “mulher”. Somente no desenrolar da narrativa é que sua identidade fica clara.

A mulher é adornada pelos astros que a envolvem; isso significa que ela é a coroação de todas as obras da criação. Essa representação alude ao sonho de José, filho de Jacó (Gn 37,9), interpretado pelos sábios judeus como referência à vinda do reino de Deus, onde tudo na natureza e na história estaria submetido ao poder do Senhor.

Em oposição à mulher está a figura tenebrosa do dragão descrito com características horripilantes, adornado pelos principais símbolos do poder humano: chifres e diademas. O significado dessa figura nos é dado pelo texto de Dn 7,24: trata-se dos governantes dos impérios, são os poderes do mundo.

O dragão intenta fazer mal à mulher, mas esta é levada para o deserto, lugar que Deus lhe tinha preparado, e ali ela é cuidada. Então a mulher representa o novo povo de Deus. A Igreja, comunidade dos seguidores de Cristo, enquanto aguarda a segunda vinda do Senhor, suporta as dificuldades do deserto, situação na qual o novo povo de Deus esperou para entrar na terra prometida.

Enquanto essa cena se desenrola na terra, especificamente no deserto, uma voz proclama que há uma nova realidade no céu: ali o reino de Deus já acontece plenamente (v. 10). Cristo, o ser humano plenificado e vitorioso, é a garantia de nosso acesso ao céu. Isso significa que a mulher que ainda permanece no deserto pode ter certeza da vitória em sua luta contra o dragão.

3. II leitura (1Cor 15,20-27a): foi levado para junto de Deus

A Lei, em Dt 26,2, exigia que os primeiros frutos (as primícias) fossem oferecidos ao Senhor para expressar a gratidão do agricultor e o reconhecimento de que Deus era o responsável pela colheita. Quando o israelita



oferecia os primeiros frutos a Deus, estava agradecendo pela colheita inteira. Os primeiros frutos saídos da terra eram parte da colheita; e tão certo quanto as primícias eram a colheita, a ressurreição de Cristo é a garantia de nossa ressurreição nele.

Cristo primícias dentre os mortos ascendeu ao céu e ofertou a si mesmo a Deus como o representante de seus seguidores, ou seja, da Igreja que ascenderia depois dele. Cristo não é somente o primeiro na ordem do tempo que ressuscitou dos mortos; é mais que isso, é o principal no que se refere à dignidade e importância, conectado com todos os demais que vão ressuscitar. Cristo é o homem ressuscitado, e nossa ressurreição é a partir dele. Portanto nossas esperanças não são vãs, nossa fé não é inútil, e nós não seremos desapontados.

III. Pistas para reflexão

Em 1974, o papa Paulo VI escreveu um documento sobre a devoção a Maria (*Marialis Cultus*) que continua a ser a norma para a devoção mariana entre os católicos. Depois de normatizar a devoção mariana em função de Cristo, o papa destaca em dois números (MC 26 e 27) a mesma devoção em relação ao Espírito Santo. Isso significa primeiramente que não pode haver culto a Maria em si.

O texto retirado do livro do Apocalipse é claramente cristológico, como se pode ver nos seguintes trechos: “Nasceu-lhe, pois, um filho varão, que há de reger todas as nações com cetro de ferro. E o seu filho foi elevado para Deus até o seu trono” (v. 5); “Agora, veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo” (v. 10).

Portanto, a homilia não deve contribuir para um devocionismo exagerado (não fundamentado nem na Escritura nem na tradição genuína) a respeito da Mãe do Senhor e nossa Mãe, modelo daquilo que devemos ser e que seremos na plenitude dos tempos.

Maria para hoje

Hans Urs von Balthasar



O que Maria tem a dizer aos homens de hoje? Ela é, para cada cristão e para a Igreja, plenitude e medida de uma resposta sem reservas do homem a Deus. Hans Urs von Balthasar mostra as possibilidades de encontrar Maria de maneira nova. Em uma magnífica trama de reflexões teológicas e considerações espirituais, ele coloca Maria no horizonte do nosso tempo e nos faz ver claramente como ela é o modelo de fé para o cristão de hoje.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





21º DOMINGO DO TEMPO COMUM

27 de agosto

“Altíssimo é o Senhor, mas olha os pobres” (Sl 137,6)

I. Introdução geral

Nas leituras de hoje está em foco a identidade de Jesus e de seu Pai. Como nos relacionamos com Deus? O que sabemos sobre ele? É um Deus castigador, preocupado em favorecer alguns em prejuízo de outros? Quem é Jesus? É alguém que barganha comigo, que quer o meu dinheiro em troca de milagres? É alguém que atende aos meus pedidos porque estou engajado na Igreja e que deixa pessoas de outras religiões morrerem por causa da fome, da guerra e da violência?

Hoje, mais do que antes, devemos fazer perguntar quem é Jesus. E a resposta a essa pergunta não pode ser dada a partir de fórmulas decoradas. A resposta sobre a identidade de Jesus, e do Deus Uno e Trino, tem de ser uma resposta prática, não teórica. A minha vida deve dizer quem é Cristo para mim. Somente a vivência da fé, desde o mais íntimo do coração, até se traduzir em doação e serviço ao próximo, pode mostrar o que significa, para mim, Jesus como manifestação de Deus. Somente quando nos identificarmos com Jesus, termos para com o Pai a mesma atitude que ele teve e nos deixarmos conduzir pelo Espírito Santo é que poderemos compreender quem é Jesus.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 16,13-20): eu te darei as chaves do Reino

O trecho do evangelho nos diz que Jesus se retirou com os discípulos para um territó-



Maria de Jesus

Sua vida e missão

José Dias Goulart

Os traços biográficos referentes a Maria brotam dos Livros Sagrados. E dizem tudo. Sem vacilar na fé, Maria questiona o anúncio da Palavra feito na igreja ou proclamado pelo Anjo. Interroga até o próprio Jesus! E tudo o que ele diz e faz, ela o “medita no coração”. Sua palavra final é uma só: “Façam tudo o que Jesus disser”.

VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





rio pagão. Com essa atitude, ele quer demonstrar a missão de Jesus estendida a todos os povos. É necessário que os discípulos saibam com clareza quem é Jesus e qual missão ele veio realizar, porque os discípulos serão os continuadores de Jesus.

A pergunta “quem dizem que eu sou?” trouxe uma diversidade de respostas da opinião popular que foram ouvidas pelos discípulos ao longo do ministério público de Jesus. As pessoas demonstram respeito e gratidão para com a pessoa de Jesus, mas compreendem a identidade dele a partir do Antigo Testamento, como um grande profeta, e não se dão conta da novidade que ele veio trazer.

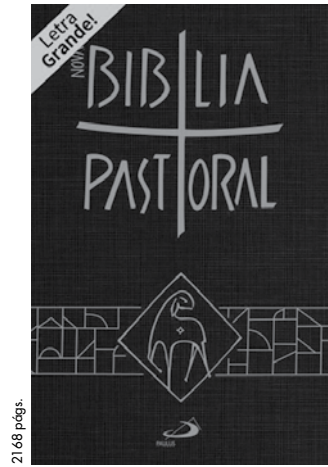
Os discípulos, representados por Pedro, dão um passo além na interpretação da vida de Jesus. Ele é o Messias ou o Cristo, mas os discípulos têm ainda uma concepção nacionalista e triunfante sobre o Messias. À primeira vista, Pedro respondeu de maneira acertada à pergunta de Jesus, mas, assim como o povo, não percebe nenhuma novidade a respeito da forma como Jesus vive a messianidade. A resposta que Pedro deu é a resposta dos discípulos, que disseram o mesmo ao ver Jesus andar sobre as águas (Mt 14,33).

No entanto, mesmo que Jesus ainda tenha de corrigir a resposta de Pedro e dos discípulos, essa profissão de fé na messianidade de Jesus não é mérito de Pedro, mas um dom de Deus. E é o bastante para que Pedro seja investido de autoridade perante os demais apóstolos, autoridade que é serviço.

Aqui encontramos pela primeira vez nos evangelhos o termo “Igreja” para designar a comunidade cristã, porque a Igreja é alicerçada na pedra que é a confissão de fé feita por Pedro e pelos discípulos. Aqui surge a Igreja como comunidade que professa a fé em Jesus, o Cristo, o Filho de Deus.

Por isso Pedro recebe as chaves, quer dizer, recebe o serviço de agir como um pai que em tudo procura o bem dos filhos, um pai

Nova Bíblia Pastoral Letra Grande



Disponível em diversos formatos e capas, a Nova Bíblia Pastoral apresenta linguagem simples, tradução a partir dos idiomas originais e notas explicativas a todos os textos. Ideal para encontros de catequese, a edição traz os avanços no campo da animação bíblica e a atualização dos estudos bíblicos das últimas décadas.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





que age à maneira do Pai de Jesus. Dessa forma, sobre a base firme e irremovível da confissão de fé, sobre a qual se edifica a Igreja, Pedro recebe o encargo de cuidar da casa e fazer com que todos os povos sejam acolhidos nessa família espiritual de Jesus.

2. I leitura (Is 22,19-23): a chave da casa de Davi

A primeira leitura refere-se a um episódio da vida do palácio real no Reino de Judá. Um alto funcionário detentor “das chaves do palácio”, quer dizer, que tem encargo de administração, é substituído nas suas funções. Esse episódio mostra a função do mordomo do palácio: em seu poder estão as chaves do palácio real; ele decide a quem ajudar com os bens do soberano e define quem é atendido em audiência pelo rei. Mas aquele que possui “as chaves” do palácio foi demitido de suas funções, despojado das insígnias de sua autoridade (a túnica e a chave do palácio). Foi destituído de suas funções porque esqueceu que autoridade é serviço, que estava nessa função para que todos pudessem ficar bem, ter a partilha, os bens que supririam necessidades básicas e o acesso à justiça.

Essa leitura nos ajuda a entender a passagem do evangelho na qual Jesus dá a Pedro as chaves do reino de Deus.

3. II leitura (Rm 11,33-36): “Tudo é dele, por ele e para ele” (Rm 11,36)

Na segunda leitura, Paulo nos encanta com um belo hino de louvor, no qual o Apóstolo adora a Deus, reconhecendo quão misterioso é o projeto divino da salvação. Após refletir sobre o projeto salvífico, Paulo chega à conclusão de que os desígnios misteriosos de Deus ultrapassam a capacidade humana de compreensão. Deus é desconcertante, a lógica divina é completamente diferente da lógica humana. Nesse

sentido é que o verdadeiro cristão é aquele que, mesmo sem entender o alcance do projeto de Deus, se abandona confiantemente em suas mãos.

Mas esse abandono confiante somente é possível quando conhecemos, por experiência de vida, que Deus é um Pai amoroso, quando não nos fechamos no orgulho e na autossuficiência e acolhemos, com gratidão, os seus dons. Sem termos experimentado um pouco que seja da identidade de Deus, não teremos coragem de nos abandonarmos em suas mãos para ter a vida e a morte que ele quiser para nós.

III. Pistas para reflexão

Ser cristão significa responder à pergunta de Jesus quanto à identidade dele. Uma resposta que não seja dada de maneira teórica, pois é insuficiente, mas uma resposta com atitudes de vida que ele exige de mim hoje.

A resposta correta acerca de “quem é Jesus” somente será possível quando eu descobrir em Jesus a presença de um Deus misericordioso e quando eu fizer com que as demais pessoas descubram, em meu modo de viver o cristianismo, a identidade de Jesus. Essa é a tarefa primordial do cristão.

A comunidade celebrante deve ser exortada a tomar cuidado com as noções de Deus que são apresentadas às pessoas – isso pode afastá-las mais que aproximá-las de Deus. Nossa grande tentação é fazer Deus parecido conosco, ranzinza como nós somos, justiceiro e vingativo como gostamos de ser. Deus não se encaixa em teorias ou padrões humanos, não age conforme nossa lógica. Ele é o Altíssimo que se abaixa até o pobre e o tira do monturo (Sl 113,7).

O cristão não é aquele que “sabe” tudo sobre Deus, mas aquele que sabe que jamais será desamparado por Deus e se entrega confiantemente nas mãos dele. ●